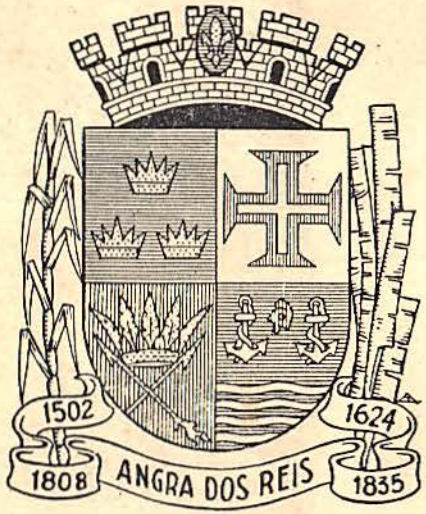


O VELHO CONVENTO • ALÍPIO MENDES

alípio mendes

O velho convento

Pela primeira vez na vida religiosa da cidade de Angra dos Reis, se tenta um levantamento sério da atuação eficiente e benéfica dos frades franciscanos, ali estabelecidos durante o século dezessete.

Trabalho árduo e que demandou pesquisas em arquivos e bibliotecas, de que é prova a longa documentação e relação de obras consultadas, eis o fruto da paciência beneditina de Alípio Mendes que se integra, com o "O Velho Convento", na linha de um gênero literário muito ao sabor das primeiras manifestações culturais luso-brasileiras: a historiografia, em sua manifestação inicial, através das *crônicas*. O leitor verá diante de seus olhos cansados do tumulto da vida moderna, "O Velho Convento" com seus monges franciscanos à porfia de um ideal nobre e humano: disseminar nas plagas litorâneas da região Sul do Estado do Rio de Janeiro o espírito do Poverello de Assis.

OBRAS DO MESMO AUTOR:

OURO, INCENSO E MIRRA (Reportagens históricas sôbre Angra dos Reis) — No prélo.

ELENCO BIOGRÁFICO DE VULTOS ANGRENSES — Em preparo.

HERÓIS ANGRENSES NA SEGUNDA GUERRA — Em preparo.

NOTÍCIA HISTÓRICA E GEOGRÁFICA DE ANGRA DOS REIS escrita por Honório Lima, anotada e ampliada por Alípio Mendes — Em preparo.

CALENDÁRIO HISTÓRICO DE ANGRA DOS REIS — Em compilação.

O VELHO CONVENTO

CAPA DE DARWIN
CARTA-PREFÁCIO DE FREI JACINTO PALAZZOLO
ILUSTRAÇÕES DE DARWIN E OUTROS
VERSOS DE BRASIL DOS REIS

ALÍPIO MENDES

(SÓCIO EFETIVO DO INSTITUTO HISTÓRICO FLUMINENSE
E SÓCIO MILITANTE DA
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA)

O VELHO CONVENTO

(A HISTÓRIA DOS FRADES FRANCISCANOS
EM ANGRA DOS REIS)

EDIÇÃO DA "GAZETA DE ANGRA"
1967

À MEMÓRIA INOLVIDÁVEL DE MEU PAI OSTIANO MENDES, IRMÃO DA VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DA PENITÊNCIA DE ANGRA DOS REIS

À MINHA MÃE EURÍDICE DE OLIVEIRA MENDES, BELÍSSIMO EXEMPLO DE CORAGEM E RESIGNAÇÃO

À MEMÓRIA DA MINHA PRIMEIRA PROFESSORA DONA ANA BENEDITA DA SILVA SANTOS, QUE ME ILUMINOU A ESTRADA DA VIDA, ENSINANDO-ME AS PRIMEIRAS LETRAS

À REVERENDÍSSIMA IRMÃ MARIA ÂNTIDA DE SÃO JOSÉ, NO SÉCULO, MARIA DO CARMO MENDES, MANA DILETA QUE RENUNCIOU O MUNDO POR AMOR A DEUS

À MINHA FILHA CELESTE AURORA NATALINA MENDES, NO POEMA DE SEU NOME

CARTA — PREFÁCIO

Ilustríssimo Senhor Alípio Mendes :

Lí e muito apreciei seu brilhante trabalho "O VELHO CONVENTO" fruto de pacientes pesquisas, inspiradas pelo amor ao culto cívico da cidade que lhe é cara.

Conhecí Angra dos Reis e o Velho Convento, em rápida visita, no ano de 1924, quando convidado pelos festeiros, preguei o panegírico de Nossa Senhora da Conceição. Isto se deu dois anos apenas, depois de ter assistido a queda, em pedaços, do Convento (hospício) e da Igreja da antiga Sé do Morro do Castelo. Minha tristeza diante do abandono e ruínas do Convento Franciscano de Angra dos Reis fez-me reviver as dolorosas emoções do desaparecimento da Igreja e Convento de São Sebastião no Rio de Janeiro.

Seu trabalho acaba de prestar oportuno e útil serviço à história de Angra dos Reis, tão celebrada por Pizarro, ilustrando a origem e as fases da vida de um edifício sôbre o qual, e dentro dele, adejam palpitantes séculos de vida adormecida. O historiador e o estudioso vão além do edifício de pedra, evocam a luz espiritual daquele recinto sagrado

onde almas privilegiadas imolaram suas vidas ao serviço de Deus pelos votos monásticos, na contemplação das coisas celestes, sem esquecer o próximo ao qual serviram com dedicação e amor dentro do clima histórico, iluminando as almas com as luzes do saber e o esplendor da virtude. Por toda essa legião de eminentes frades basta lembrar o maior : — Frei Fabiano de Cristo !

Ao ler o seu trabalho lembrei-me das palavras de Plínio, o velho : "é vergonhoso viver na Pátria e desconhecer-lhe a história" e nós, humildes rabiscadores, sempre em contato com os poeirentos arquivos esquecidos, encontramos consolação nas sábias palavras do autor da Vida de Dom Frei Bartolomeu dos Mártires, Frei Luís de Souza : "Que na verdade escrever história com as partes que ela requer, é mais uma obra da providência divina que de fôrças humanas. Porque considerando o trabalho de escrever e os descontos que a escritura (ainda que seja a mais acertada) tem por prêmio de juizes torcidos e muitas vêzes errados do que lê; se não houver instinto no céu, que movera espíritos, fôra impossível haver nenhum sizudo, que se sujeitara a tamanha carga".

Parabéns, caro amigo, e não desanime no caminho pedregoso de historiador e jornalista.

Com estima e aprêço, servo e amigo em J. C.

Padre Frei Jacinto Palazzolo

O. F. M. Cap.

PRIMEIRAS NOTAS

Qualquer escritor que se propuser a escrever sôbre a história ou fatos relativos à vida de Angra dos Reis, terá que falar, forçosamente, de três Ordens Religiosas — a dos Carmelitas, a dos Beneditinos e a dos Franciscanos.

Muito antes de existir Angra dos Reis, edificada no local atual, já os frades da Ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo tinham o seu Convento em nossa terra, cuja construção data do ano de 1.593, sendo seu fundador Frei João Viana. Os Beneditinos, por sua vez, se estabeleceram também com seu Mosteiro em Angra dos Reis em 1.598, sendo a casa monacal fundada por Frei Gregório Batista.

Finalmente vieram os frades da Ordem de São Francisco, de quem vamos tratar neste nosso trabalho, que não é mais completo porque a Província Franciscana, sediada em São Paulo, não nos permitiu buscas e pesquisas em seus arquivos.

Antigamente quase todo território angrense pertencia às três Ordens Religiosas que citamos. — Carmelitas, Beneditinos e Franciscanos. Os terrenos de um confinavam-se com os dos outros.

Assim sendo, com os elementos que possuimos, vamos narrar algo sôbre os Frades franciscanos e

seus Conventos em Angra dos Reis. Sôbre o assunto já escreveram os historiógrafos Francisco Mateus Cristianes, Frei Miguel de São Francisco. Monsenhor Pizarro, Frei Apolináro da Conceição, Frei Basílio Rower, Honório Lima, Brasil dos Reis, Benedito Jordão de Souza e muitos outros. Nós, porém, vamos acrescentar algo nôvo pacientemente pesquisado nas mais diversas e difíceis fontes, sôbre o mesmo assunto. Não nos move outro intuito que não seja o de contribuir, embora muito modestamente, com os presentes subsídios para que alguém de maior cultura e de maiores cabedais de inteligência, um dia escreva a verdadeira história de Angra dos Reis.

Pelas vetustas arcadas
Que a mão do tempo fendeu,
Passam sombras apressadas
Que a saudade ensandeceu.

São almas imaculadas
Que não têm nada de seu,
Ou apenas, almas penadas
De quem com culpa morreu.

Convento de Santo Antônio,
Exorcismas do Demônio
Quem jungido pela dor,

Ajoelhado ante o cruzeiro,
Reze ao monge brasileiro
Frei Simão do Salvador !

("POSTAIS ANGRENSES" — Brasil dos Reis)

ANGRA DOS REIS E OS FRADES FRANCISCANOS

O caminho dos Frades Franciscanos que demandavam os seus conventos de Santos e de São Paulo, era sempre por Angra dos Reis que era pouso de descanso e abastecimento quase obrigatório para os religiosos de São Francisco, quando não eram obrigados pelos temporais a invernar por estas plagas.

A convivência dos Frades com os habitantes de Angra dos Reis, fêz nascer um interêsse mútuo para que se criasse um estabelecimento de franciscanos em nossa terra, estando à frente do movimento o Capitão Manuel de Carvalho, homem de muitos haveres e proprietário de muitos terrenos, que atendendo aos desejos dos angrenses e ao interêsse demonstrado pelos frades, comunicou-se com os Superiores da Ordem Franciscana, conseguindo que no ano de 1.650 o Superior Frei Sebastião do Espírito Santo, mandasse à Angra dos Reis Frei Pantaleão de Santa Catarina e o Irmão Leigo Frei Manuel dos Anjos com a missão de estudar as possibilidades da fundação de um Convento e conseguir as doações das terras necessárias.

Chegados a Angra dos Reis, os Frades não só constataram a beleza e propriedade do local, como acharam magnífica a idéia da construção de uma casa religiosa por ficar Angra dos Reis no meio da viagem para Santos e São Paulo onde frequentemente tinham que ir.

Em reunião havida com os superiores da Bahia em 21 de novembro de 1.650, ficou decidida a ereção de um Convento Franciscano em Angra dos Reis. No entanto, um ano se passou sem qualquer providência para o início da construção, cujas primeiras diligências só foram executadas quando o Superior Frei Sebastião do Espírito Santo, pessoalmente, veio em Angra dos Reis tratar do assunto e aceitar a doação feita pelo Capitão Manuel de Carvalho do terreno para a construção do Convento, o que foi feito no dia 8 de março de 1.652, conforme a escritura lavrada nas notas do tabelião Gaspar da Costa Ferreira que a seguir passamos a transcrever :

"Saibam quantos êste público instrumento de escritura de doação de terras virem que, no ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, na era de mil e seiscentos e cinquenta e dois anos, aos oito dias do mês de março do dito ano nesta Vila de Angra dos Reis da Ilha Grande, Capitania de São Vicente, no tocante à repartição do Senhor Dom Diogo de Faro e Sousa, Donatário perpétuo por Sua Majestade etc. etc. nesta Vila dita, em pousadas do Capitão Manuel de Carvalho, adonde eu tabelião ao adiante nomeado fui chamado, e sendo lá, por êle foi dito em presença das testemunhas ao adiante nomeadas e assinadas, que êle tinha e possuia nesta dita Vila duzentas braças de terra de testada, partindo com os Religiosos de São Bento

e para o sertão águas vertentes como consta da escritura de venda e auto de posse que apresentou o que tudo eu tabelião ví e lí; as quais terras lhe vendeu o Capitão Bartolomeu Antunes Lobo e sua mulher Maria da Costa Sá, defuntos, as quais duzentas braças de terras, disse êle, dito Capitão Manuel de Carvalho dava e doava dêste dia para sempre aos Religiosos de São Francisco para nelas fazerem um Convento com seu muro e com o título do Senhor São Bernardino de Sena e para poderem na forma que por sua Ordem lhes é permitido por seu Síndico vender, dar, doar, comutar e acomodar a tôdas e quaisquer pessoas que em qualquer parte desta Vila livremente largarem ou que se tomarem alguns outros chãos necessários para melhor situação e comodidade do dito Convento e sua cêrca que correrá diretamente águas vertentes até o pico da serra, tendo de testada quanto os Religiosos quiserem em a várzea, e a todo o tempo que se fecharem ou murarem por detrás do Convento tanto quanto dos Religiosos lhes parecer necessário para não serem devassados ou desacomodados, com tôdas as águas e pedreiras que aí houver e pelo tempo adiante se descobrirem e para terem as lenhas, madeiras e pastos que forem necessários ao serviço, comodidade e utilidade do Convento, e tudo o mais que sobejar das ditas terras na várzea de uma e outra parte da cêrca até águas vertentes ficarão sempre sendo o dito doador

e seus herdeiros com a obrigação de não poderem nunca fazer casas, nem as pessoas a quem venderem ou permitirem, em forma que devassem o recolhimento e clausura e cêrca do Convento, em roda da qual há de haver por uma e outra parte do muro uma rua livre e apartada dêle quarenta palmos. E para que em nenhum tempo algum de seus herdeiros possa encontrar esta sua livre doação, disse a tomava em sua têrça e se obrigava a fazê-la sempre boa. E por a tudo estar presente o Reverendo Padre Custódio Frei Sebastião do Espírito Santo disse que pelo Sargento-Mor Manuel da Costa Pinto, que também presente estava, e em nome de Sua Santidade aceitava como de fato aceitou a tal doação na forma que lhe era lícito e permitido por sua Regra e Declarações dos Sumos Pontífices e que na mesma forma e pelo mesmo Síndico, não só permitia e concedia ao dito Capitão Manuel de Carvalho e a seus legítimos herdeiros, ascendentes e descendentes e aos que a êstes sucederem, perpétuo jazigo e sepultura no cruzeiro da igreja nova que se havia de fazer com título do Senhor São Bernardino de Sena, mas que também lhe permitiria e concederia a Capela-Mor do dito Convento com as condições e obrigações que o Concílio Trentino aponta e os usos e costumes, estilo e constituição de sua ordem e desta Santa Província permitirem e ainda o de padroeiro do dito Convento, querendo o dito Capitão aceitá-lo e obrigar-se na

forma e costume dos demais padroeiros e que lhe faria escritura o dito Síndico em todo o tempo de sua obrigação. Em fé e testemunho de que assino e prometeram, outorgaram e mandaram todos o comum consentimento e o dito Capitão Manuel de Carvalho empossou logo da dita data de terra ao dito Sargento-Mor Manuel da Costa Pinto como Síndico do novo Convento e Ecônomo de Sua Santidade, me mandou que esta lançasse nas minha notas aonde todos se assinaram com as testemunhas que presentes foram a saber: — Domingos Alves da Costa, Domingos Casado Itamozo, Domingos Martins Homem, aqui moradores pessoas de mim tabelião reconhecidas, e, eu, Gaspar da Costa Ferreira tabelião do público judicial e notas desta Vila que o escrevi. Manuel de Carvalho, Valério de Carvalho, Manuel da Costa Pinto, Frei Sebastião do Espírito Santo, Domingos Martins Homem, Domingos Casado Itamozo, — o qual traslado, eu, Gaspar da Costa Ferreira, tabelião do público judicial e notas desta Vila, fiz escrever e subscrevi bem e fielmente do próprio original que em meu poder fica, ao que me reporto e vai na verdade sem coisa que dúvida faça, e o corri e consertei em o qual me assinei de meu sinal público e razo que tais são consertados por mim tabelião, Gaspar da Costa Ferreira".

Na mesma reunião que ficou deliberada a construção do Convento, foi constituída a Comis-

são fundadora, que se compunha de Frei Cosme da Piedade, Frei Jácome da Purificação, Frei Pantaleão de Santa Catarina e os Irmãos Leigos Frei Simão do Salvador e Frei Antônio de São Lourenço, que no dia 28 de março de 1.652 chegaram à Angra dos Reis.

IMAGEM DO ORAGO SÃO BERNARDINO DE SENA

O PRIMEIRO CONVENTO DE SÃO BERNARDINO

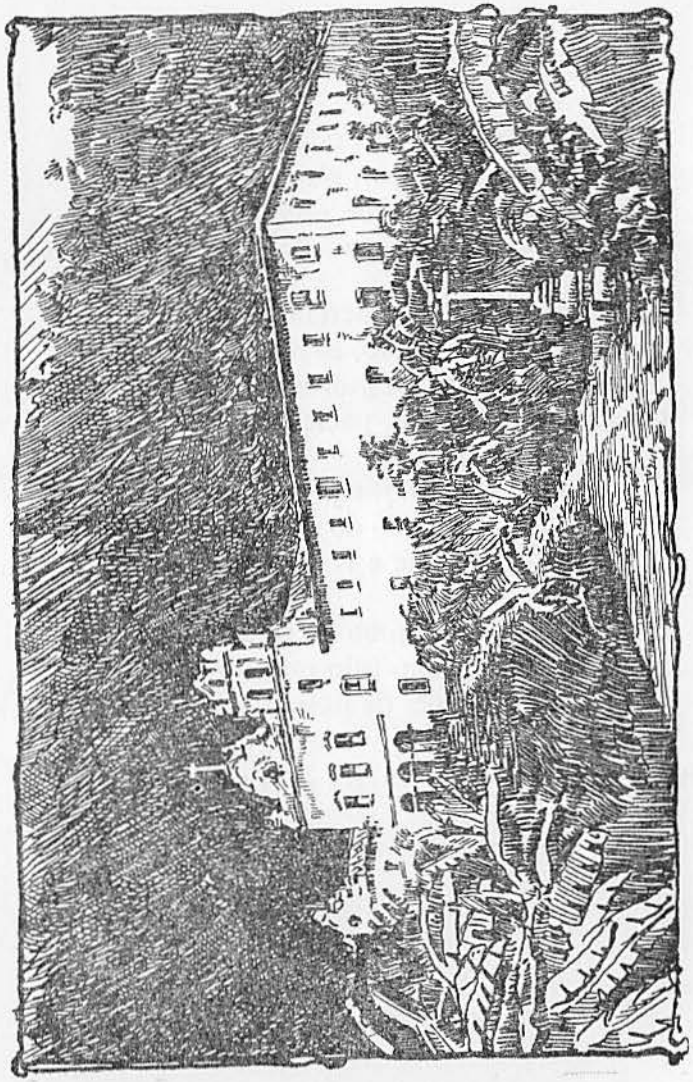
É Frei Miguel de São Francisco. A história
Seu nome há de passar, gloriosamente,
E circundado de celeste glória,
Há de ficar no coração da gente.

No silêncio da tarde merencória
Êle escreve o seu livro, suavemente,
Arrancando-o dos meandros da memória
Ou dos velhos forais, pacientemente.

Assim, num tempo que já vai tão longe,
As memórias traçando do mosteiro,
Trabalha o humilde e venerando monge.

E no "Livro do Tombo" o frade encerra
Seu ego e abre o capítulo primeiro
Das santas tradições de nossa terra.

("BRASÕES ANGRENSES" — Brasil dos Reis)



O VELHO CONVENTO

(Desenho de Aloísio Vale, Professor da Escola de Belas Artes de Niterói)

Tomada posse do terreno doado, perante o tabelião, o Juiz Pedâneo e as testemunhas no dia 4 de agôsto de 1.652, os fundadores ficaram residindo em um recolhimento construído pelo povo em apenas dezesseis dias, junto da Igreja de Santa Luzia, dando graças a Deus pelo bom acolhimento que os angrenses lhes estavam dispensando, fabricando uma moradia muito bem acabada e com celas assobradadas para residência dos frades que vinham designados para iniciar a construção do primeiro Convento de São Bernardino de Sena de Angra dos Reis, tão bem construido que, apesar dos grandes temporais que assolaram Angra dos Reis, nos primeiros dias do mês de agôsto de 1.652, nem uma simples goteira se fêz sentir no recolhimento dos franciscanos ao lado da ermida de Santa Luzia.

O resto do ano de 1.652 foi gasto pelos piedosos frades para conseguir os materiais necessários ao início da construção do Convento, no que muito lhes auxiliou o benemérito Capitão Manuel de Carvalho, fazendo novas doações em madeira e outros materiais para a obra.

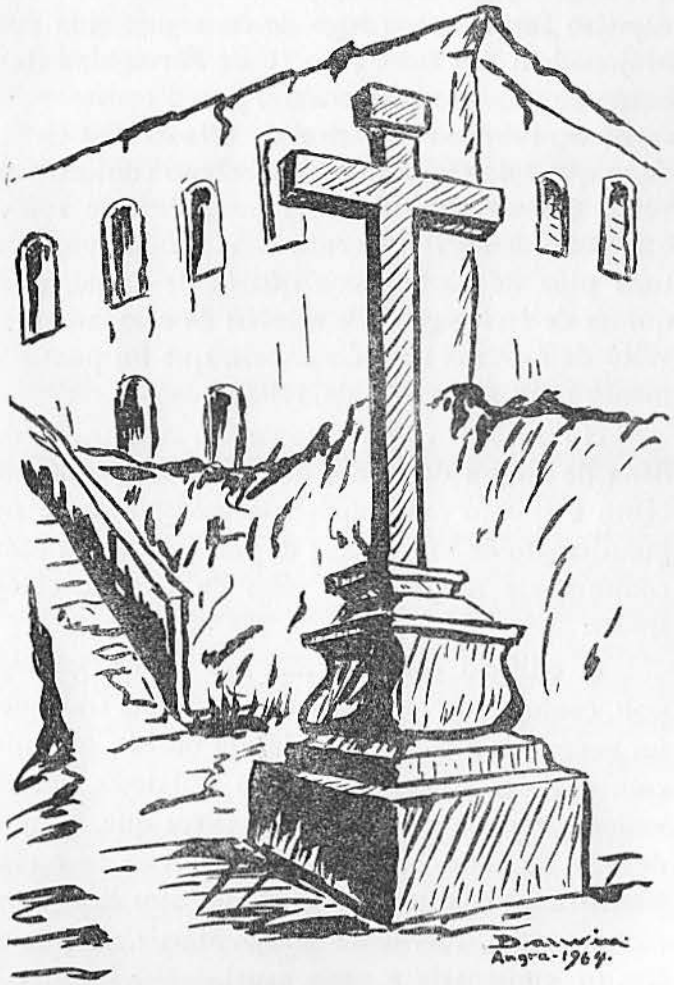
Elaborada a planta e feita a demarcação do terreno por Frei Simão do Salvador que era exímio

arquiteto, cujos restos mortais, foram sepultados junto ao cruzeiro, aos 14 de abril de 1.653 foi muito solenemente colocada a pedra fundamental do primeiro Convento de São Bernardino de Sena, que existiu no local, então denominado "Cachoeira", onde está hoje a rua Dr. Moacir de Paula Lobo, que também já se chamou rua das Palmeiras, e onde até há pouco tempo ainda se viam ruínas do antigo monastério.

A pedra fundamental foi benzida pelo Vigário Geral e Visitador Apostólico Padre Manuel de Araujo que, durante a missa cantada pelo Superior dos franciscanos Frei Sebastião do Espírito Santo, pregou um magnífico sermão.

A construção foi muito lenta e difícil dada a falta de recursos pecuniários e a pobreza da população angrense. Assim, só aos 12 de fevereiro de 1.659 foi possível inaugurar o Convento de São Bernardino (o primeiro que existiu na atual rua Doutor Moacir de Paula Lobo), sendo que alguns dias após foi efetuada a mudança da comunidade do recolhimento visinho à ermida de Santa Luzia para o seu nôvo Convento, cujo primeiro Guardião foi Frei Inácio de Jesus, a quem em vários guardianatos, sucedeu Frei João da Conceição Sanches, grande pregador franciscano.

A situação de pobreza de Angra dos Reis e de seus habitantes era fato fàcilmente notado na-



O CRUZEIRO DE MÁRMORE, PRESENTE DE D. JOSÉ I DE PORTUGAL

quela época, por isso o Superior Frei Sebastião do Espírito Santo tratou logo de conseguir com Sua Majestade o Rei Dom João IV de Portugal, a concessão de uma ajuda financeira para a manutenção do recém-fundado Convento da Vila da Ilha Grande, o que foi atendido pelo Soberano conforme se vê na Carta-Padrão de 6 de novembro de 1.653 que concedeu ao Convento uma ajuda anual de uma pipa de vinho, uma quarta de azeite, uma quarta de farinha e duas arrôbas de cêra, tudo no valor de noventa mil réis anuais, que foi pontualmente pago até o ano de 1.820.

No primitivo Convento de São Bernardino de Sena de Angra dos Reis, que funcionou durante cento e quatro anos, após sua inauguração e no guardianato de Frei Inácio de Jesus, habitava uma comunidade religiosa de mais de vinte e cinco frades.

O edifício contudo não era muito grande, pois, conforme veremos no decorrer deste trabalho, foi necessária a construção de um outro Convento com maiores cômodos para os religiosos e com maior Igreja para conter os católicos que, sempre devotos de Santo Antônio, prestigiavam os frades franciscanos com sua presença nos atos litúrgicos, mesmo assim, serviu de Igreja Matriz, enquanto não foi construída a nossa atual.

Na Igreja do primitivo Convento existia além do altar-mor que era de talha dourada, dois altares laterais pintados.

E foi nesse primeiro Convento franciscano da Vila de Angra dos Reis da Ilha Grande, que ingressou na Ordem Primeira de São Francisco o maior exemplo de virtudes e de fé religiosa — o eleito do Senhor, Frei Fabiano de Cristo, suprema, glória franciscana e orgulho de nós angrenses.

Em nossas dificílimas pesquisas conseguimos apurar que no primeiro Convento habitaram além de Frei Inácio de Jesus, que foi seu primeiro Guardião, Frei João da Conceição Sanches, segundo e várias vêzes Guardião; Frei Boaventura de Santa Catarina, Guardião; Frei João do Monte Alverne, Guardião; Frei Miguel de São Francisco, cronista autor do livro tombo; Frei Miguel de São Franciscos (2.º), missionário; Frei Cosme da Piedade, Frei Jácome da Purificação, Frei Simão do Salvador, o arquiteto do VELHO CONVENTO; Frei Antônio de São Lourenço, Frei Francisco do Amparo de Jesus Maria, missionário; Frei Bento de Sant'Ana, Frei José de Jesus Maria Reis, Frei Francisco dos Remédios Carvalho, Comissário Visitador da Ordem Terceira da Penitência; Frei Francisco de São José do Destêrro, Frei João de Santa Catarina Tanguá, Frei Domingos da Conceição Antunes, Frei João de Jesus Maria, Frei

Antônio de Santa Catarina de Sena, Frei Inácio da Conceição Morais, Frei Luís do Nascimento, Frei Tomé de Jesus, Frei António das Chagas, conhecido por "Frei Perneta", Frei Bernardo de Sant' Ana, Frei Antônio da Vitória, natural de Paratí; Frei Guilherme de Sant'Ana, Frei Martinho de Santa Catarina, Frei João da Conceição Fragoso, Comissário da Ordem Terceira da Penitência; Frei João de Santa Clara Pinto, Mestre de Canto Chão e Frei Fabiano de Cristo, de quem falaremos no capítulo seguinte.

No primeiro Convento de São Bernardino da Vila de Angra dos Reis da Ilha Grande, foi instalado um noviciado que funcionou ininterrupta e intensamente até o ano de 1.735.

Durante os ataques da esquadra do Almirante Jean François Du Clerc à cidade do Rio de Janeiro, escorraçados de lá, vieram os franceses atacar Angra dos Reis no ano de 1.710, que então se chamava Vila da Ilha Grande. Aqui estiveram do dia 27 de agôsto até 8 de setembro, tentando por várias vêzes o desembarque.

Valentemente repelidos pelo Governador, o Capitão de Infantaria João Gonçalves Vieira, resolveram os invasores bombardear intensamente a Vila o que fizeram durante todo o dia 7 de setembro de 1.710, alvejando, deliberadamente o Convento do Carmo e o dos franciscanos.

Apesar da pouca e desorganizada tropa para defesa da Vila, o Governador João Gonçalves Vieira enfrentou os atacantes, tendo na luta morrido um Alferes das tropas de terra.

Bombardeado pela poderosa artilharia das belonaves francesas, o Convento de São Bernardino ficou muito danificado, tendo o Padre Guardião Frei João da Conceição Sanches, com a ajuda do povo angrense e do Governador Capitão João Gonçalves Vieira, levado vários mêses para a reconstrução do edifício.

Existiu com regularidade e com elevado número de religiosos e com seu noviciado em franco progresso o primitivo Convento de São Bernardino, durante cento e quatro anos, até que, em junho de 1.763, por impropriedade do local onde fôra construído, na antiga localidade conhecida por "Cachoeira" (atual rua Dr. Moacir de Paula Lobo) por ser o terreno muito pantanoso e eivado de sapos, cobras e outros animais dos que geralmente são encontrados em charcos, mudou-se a comunidade para o seu nôvo claustro. O atual e arruinado Convento de São Bernardino.

FREI FABIANO DE CRISTO
EM ANGRA DOS REIS

Pelas tristes arcarias,
Um monge passa, rezando,
Enquanto nas lajes frias
Vão seus passos se arrastando.

Pai-nossos e Ave-Marias
Vai seu rosário marcando...
(São mortas as alegrias
Para o monge venerando).

De alma pura, a tudo alheia
Mesmo ao céu que azul se arqueia,
Que tão belo não foi visto,

No Convento centenário,
Vai rezando seu rosário
O Frei Fabiano de Cristo.

("POSTAIS ANGRENSES" — Brasil dos Reis)

Frei Fabiano de Cristo que se chamou no século João Barbosa, nasceu na aldeia de Soengas, Freguezia de São Martinho, Conselho da Ribeira de Soás, Comarca de Guimarães em Portugal, no dia 8 de fevereiro de 1.676, sendo filho de Gervásio Barbosa e de dona Senhorinha Gonçalves Barbosa.

Vindo de sua Pátria, chegou ao Brasil e foi para Minas Gerais onde não permaneceu por muito tempo, pois, logo se mudou, João Barbosa para Paratí, onde constituiu uma sociedade comercial e estabeleceu-se com casa de negócio. Em Paratí fêz logo amizade com o Vigário Padre Simão Peres e fundou a Confraria das Almas na Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios. Porém, um acontecimento lamentável encheu de tristeza o espírito de João Barbosa. — Na localidade denominada "Aparição", distante seis léguas de Parati, uns desalmados assassinaram bárbara e covardemente o seu sócio comercial e leal amigo.

Já no coração do nosso futuro Frei Fabiano de Cristo, de há muito ardiam as chamas do amor religioso e o firme desejo de ingressar numa confraria católica. E o crime ocorrido com o sócio de

sua casa comercial em Paratí, foi o impulso violento e decisivo dado por Deus para que João Barbosa, tornando-se franciscano, cumprisse o seu apostolado na terra.

No ano de 1.704 estava o Padre Provincial da Provincia Franciscana da Imaculada Conceição, Frei Boaventura de Jesus, em visita ao Convento de São Bernardino de Angra dos Reis, quando João Barbosa se apresentou ao referido Provincial e *"se lhe prostou aos pés e com voz enternecida e demonstração afetuosa lhe suplicou que pelo amor de Deus lhe desse o santo hábito"*, conforme rezam os documentos da época.

Após rigorosos exames canônicos foi o nosso futuro Frei Fabiano cientificado de que seria recebido na Ordem Seráfica. Tomado de grande contentamento, desfêz-se de todos os seus haveres em Paratí, doando larga esmola para o Convento de São Bernardino de Angra dos Reis, apresentando-se no VELHO CONVENTO da "Cachoeira" no dia 8 de novembro de 1.704 para ser admitido como noviço.

Recebido pelo Padre Guardião Frei Boaventura de Santa Catarina, foi João Barbosa entregue aos cuidados do Mestre de Noviços do Convento de Angra dos Reis. Três dias ficou o nosso santo João Barbosa numa cela, orando sob a orientação do Padre Mestre, preparando-se para a solenidade da vestição.

FREI FABIANO DE CRISTO

Magnífico raiara o dia 11 de novembro do ano de 1.704 em Angra dos Reis. Tôda a comunidade do VELHO CONVENTO estava reunida na igreja, quando João Barbosa, ajoelhado diante do altar-mor, foi revestido pelo Padre Guardião, Frei Boaventura de Santa Catarina, do tão aspirado burel franciscano, símbolo da pobreza e da humildade.

De acôrdo com a antiga regra franciscana, passou João Barbosa um ano no noviciado do Convento de São Bernardino de Sena de Angra dos Reis, cumprindo santamente tôdas as prescrições e obedecendo cegamente a seus superiores.

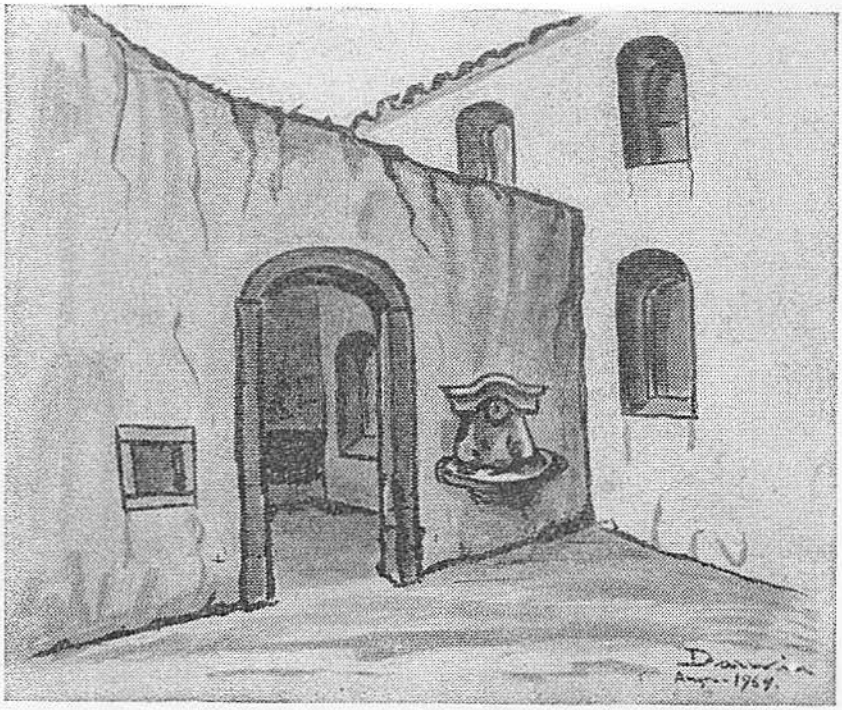
Ainda de acôrdo com a severa regra, no dia 12 de novembro de 1.705, dia consagrado pela Igreja à festa de São Diogo, durante a solene missa especialmente celebrada para tal fim, João Barbosa fêz sua profissão de fé, prometendo diante do altar-mor e do Padre Guardião, obediência, pobreza e castidade, tendo nessa mesma ocasião recebido o nome religioso de Frei Fabiano de Cristo.

Determinava a rígida regra franciscana que os neo-professos permanecessem um ano após a profissão, no mesmo Convento. Deveria, pois, Frei Fabiano ficar em Angra dos Reis até fins de 1.706. Entretanto, tais eram as qualidades do nôvo frade que o Superior Frei Boaventura de Santa Catarina deteminou que Frei Fabiano, no mesmo ano de sua profissão, no mês de dezembro, fôsse para o

Convento do Rio de Janeiro para exercer as funções de porteiro.

No convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro foi Frei Fabiano de Cristo um exemplo de Santidade. Por sua intercessão foram conseguidas muitas graças que continuam a sê-lo após mais de dois séculos de sua morte, ocorrida no Rio de Janeiro em 17 de outubro de 1.747.

O ATUAL CONVENTO DE SÃO BERNARDINO DE ANGRA DOS REIS



DETALHE DO REFEITÓRIO, VENDO-SE AO FUNDO A COSINHA

No ano de 1.722 deliberaram os Superiores da Ordem Franciscana que deveria ser construído um nôvo Convento em Angra dos Reis, visto que o primitivo, edificado na "Cachoeira" e num pântano, estava em péssimas condições de conservação e já era muito pequeno para abrigar uma comunidade de mais de vinte e cinco frades, tendo ainda um noviciado em pleno funcionamento.

Terreno existia, pois o Capitão-Mor Miguel Teles da Costa, em 1.702, havia feito a seguinte doação, quando da sua estada em Angra dos Reis, naquela época: "Miguel Teles da Costa, Capitão-Mor e Governador desta Capitania de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaem por Sua Majestade que Deus guarde, com poder pelo dito Senhor de dar terras de sesmarias e confirmar as que estiverem dadas na forma das doações do donatário da dita Capitania e Senhor da Ilha do Príncipe, etc etc. — Faço saber aos que a presente virem, que pelos Religiosos da Ordem do Seráfico São Francisco desta Vila da Ilha Grande, me enviaram a dizer que êles eram senhores e possuidores e estavam de posse de duzentas braças de terras de testada com todo o sertão até ao pico do outeiro, como tudo constava de escritura que

lhe doou o Capitão Manuel de Carvalho, em cujas terras têm situado o Convento e poderão usar delas como suas que são até ao pico com tôdas as testadas e assim mais das que lhes forem necessárias que estiverem devolutas, junto das suas, não estando povoadas por outrem ainda que por data de sesmaria lhe fossem dadas, visto, as não povoarem nos dois anos do estilo, lhes dou de sesmaria e as mais que lhes forem necessárias para pastos de gados e lenhas que ao pé das suas estiverem, e lhes confirmo as duzentas braças de terras que a escritura faz menção com suas testadas até ao pico, dando-lhes de sesmarias caso na escritura houvesse alguma dúvida ou embargo a isso pelo poder que para isso tenho do donatário desta Capitania e procuração sua e de El-Rei meu Senhor poder para o fazer e por esta minha vida dava-lhes e dou para sempre, e para tudo o que fôr do serviço do Convento e serviço de Deus Nosso Senhor Jesus Cristo: dada na Ilha Grande e sob meu sinal e sêlo, aos vinte e dois de janeiro de mil setecentos e dois anos. Miguel Teles da Costa".

Tôda madeira de lei, pedras e cal de marisco foram extraídas respectivamente, no morro de Santo Antônio, nas terras do Convento e nas Ilhas da baía de Angra dos Reis que eram propriedade dos frades franciscanos.

No dia 18 de julho de 1.758 foi muito solenemente colocada a pedra fundamental do atual Con-

vento de São Bernardino de Sena de Angra dos Reis, pelo Padre Provincial Frei Francisco da Purificação, sendo no ato celebrada missa cantada pelo Padre Guardião do Convento da "Cachoeira", Frei João do Monte Alverne. As solenidades foram assistidas pelo Vigário da Paróquia Padre Manuel Antunes Proença, o Prior do Convento do Carmo, o Juiz Pedâneo, o Senado da Câmara com seus Camaristas encorporados e pessoas gradas desta Angra dos Reis, que naquele tempo era apenas Vila.

Cinco anos gastaram os religiosos e a população de Angra dos Reis para construir o atual Convento de São Bernardino de Angra dos Reis. Assim, no dia 20 de maio de 1.763, o seu primeiro Guardio, Frei Inácio de Jesus Maria, procedeu a benção do nôvo Convento, na presença do Padre Provincial Frei Manuel da Encarnação e de uma comunidade de mais de vinte e cinco frades.

Mudaram-se os franciscanos para a nova casa no dia 22 de maio daquele mesmo ano, em solene procissão, conduzindo o Santíssimo Sacramento para o tabernáculo da igreja do recém-construído Convento e transladando as imagens do arruinado templo da "Cachoeira". No préstito processional foram conduzidas as imagens do orago São Bernardino de Sena, de São Benedito (a atual que ainda hoje é venerada pelos angrenses), São Boaventura, Santo Antônio, Santa Bárbara, São Francisco, São

João Batista, São João Evangelista, Nossa Senhora da Conceição (que atualmente se encontra na sacristia da nossa Igreja Matriz), Sant'Ana, São José, São Joaquim, Nossa Senhora do Rosário e Senhor Morto.

Após a inauguração do atual Convento no alto do outeiro, entre as terras pertencentes aos frades da Ordem de São Bento de um lado e de outro com as dos frades do Carmo, o povo angrense passou a chamar o local de Morro de Santo Antônio como ainda hoje se denomina.

Funcionou o VELHO CONVENTO de São Bernardino de Angra dos Reis, do qual atualmente só restam ruínas, initerruptamente desde sua fundação até meados no ano de 1.859, sendo seu último Guardião Frei Manuel de Santa Isabel Brandão, que era filho da Vila de Inhomirim e quando foi Superior do Convento de Angra dos Reis contava apenas vinte e nove anos de idade.

No apogeu do seu funcionamento moravam no Convento cêrca de trinta frades, entre sacerdotes e leigos, e até 1.819 encontramos sempre um religioso no Convento de São Bernardino exercendo o cargo de Comissário da Ordem Terceira, cuja fundação se deu no tempo do Convento da "Cachoeira".

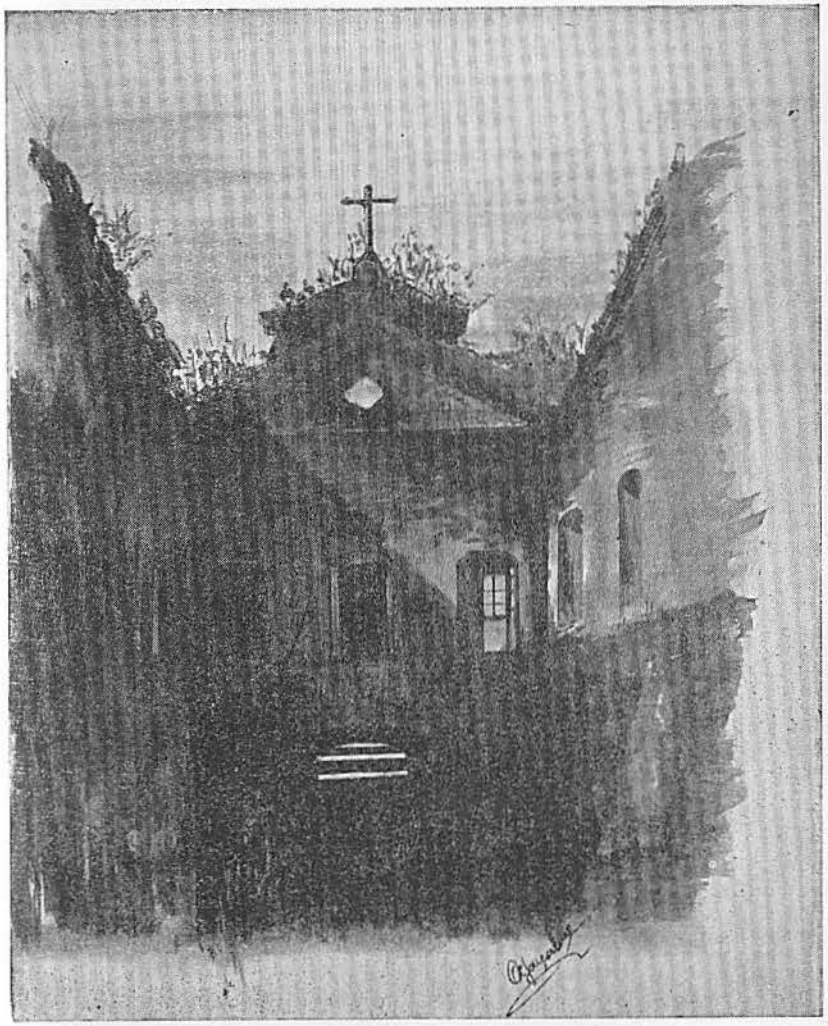
Grande, intenso mesmo era o movimento do Convento de São Bernardino. Apesar de no atual Convento nunca ter existido noviciado, era enor-

me a sua movimentação tendo funcionado no mesmo uma Escola de Canto-Chão, cujo Mestre era o Padre Frei João de Santa Clara Pinto, falecido em 1.825.

Possuiam os franciscanos grandes áreas de terras e muitas ilhas em Angra dos Reis e nos seus arredores. Isso fêz com que a Câmara de Vereadores, em sessão realizada no dia 17 de maio de 1.788, fizesse um requerimento ao Rei de Portugal, pedindo que fôsse desapropriado algum terreno para ampliação da Vila, dado o pouco espaço existente na várzea, não tendo, porém, obtido sucesso.

Dissemos que grandes eram as propriedades dos frades franciscanos em Angra dos Reis, porque possuiam duzentas braças de frente, com fundos até as vertentes e tantas mais quantos os religiosos quisessem, pela doação feita pelo Capitão Manuel de Carvalho, possuiam ainda as terras concedidas pela Carta de Sesmaria datada de 1.702 e as da doação feita pelo Síndico Apostólico Baltazar Mendes de Araujo em 1.750, além das seguintes ilhas: dos "Cabritos", da "Caieira" e da "Sundara" na baía da Ribeira.

No ano de 1.761 os Superiores determinavam ao Padre Guardião do VELHO CONVENTO, Frei João do Monte Alverne que não vendesse a cal de mariscos, feita nas ilhas de propriedade dos



INTERIOR DA IGREJA DO CONVENTO, OBSERVANDO-SE VESTÍGIOS DO CÔRO

franciscanos, por ser necessária para a construção do nôvo Convento que se estava construindo.

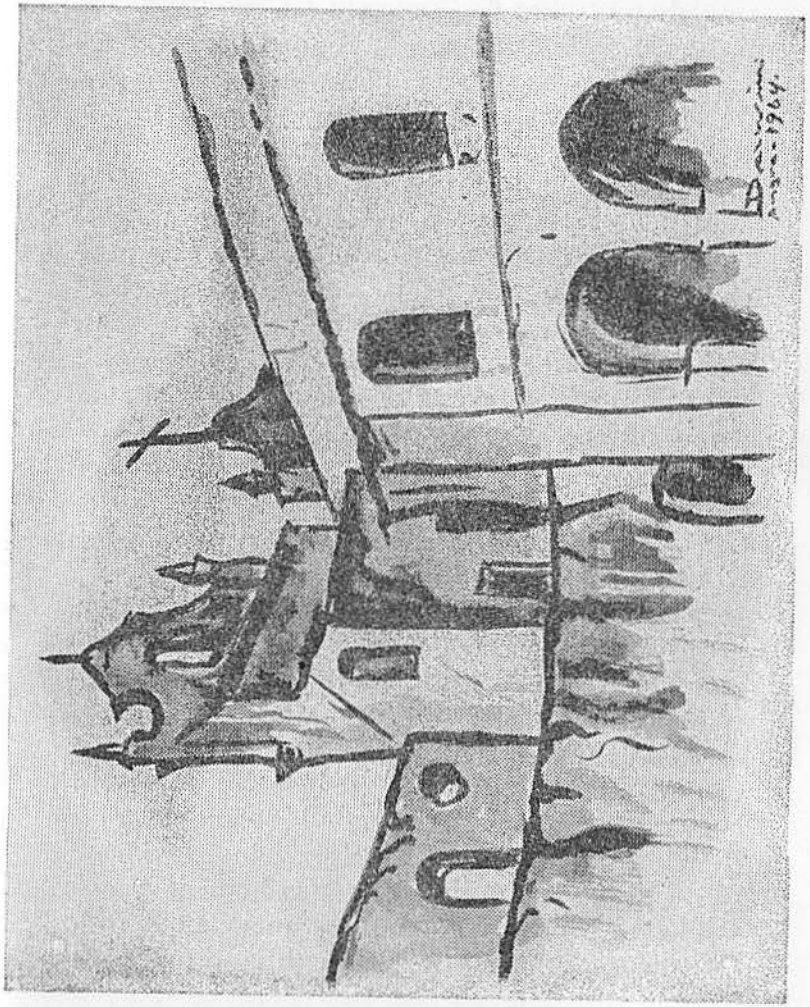
Em 1.790. como existissem moradores que não queriam reconhecer a Ordem Franciscana como proprietária das ilhas, resolveram os Superiores vendê-las, sem contudo encontrar pretendentes imediatamente.

Assim, só em 21 de outubro de 1.922 o Padre Provincial Frei Diogo de Freitas, efetuou a venda das ilhas ao Doutor Ciro Tôrres, pelo prêço de três contos de réis.

Era modesto, porém, austero o edifício do atual Convento. A parte conventual mede quarenta e oito por trinta e oito metros, tendo doze de altura.

Era um prédio de dois andares, tendo a tôrre quatro, possuia dois claustro quadrangulares com arcos laterais e no andar térreo estavam localizados a cosinha, refeitório, cárcere, sacristia, parlatório, salão dos capítulos, portaria, dispensa, corredores claustrais e outras dependências que não conseguimos identificar.

No andar superior, além das celas, de mais um cárcere, dos corredores, salões e mais cômodos, estavam localizados o arquivo e a biblioteca, que ficavam exatamente por cima do refeitório, no ângulo direito do prédio, com janelas para a frente do Convento e para o lado da atual rua Doutor



DETALHE POSTERIOR DA TÔRRE

Moacir de Paula Lobo. Êsse salão onde estava localizado o *cartório* do Convento, tinha o fôrro ricamente decorado com motivos franciscanos.

Na saleta da portaria, no andar inferior estava, como ainda hoje se vê, o altar esculpido em madeira, inspirado no motivo de uvas e parreiras, em cujo nicho existia uma imagem de São Bernardino de Sena, miniatura perfeita da do orago entronizada no altar-mor da igreja.

Na sacristia via-se artística pia de mármore que, juntamente com o *Cruzeiro* que ainda existe ao pé da ladeira de acesso e os portais da porta principal, foram doados por Dom José I, de Portugal.

Característica digna de registro era de o Convento possuir água encanada que vinha dos mananciais existentes no morro trazida por um aqueduto.

Procurando descrever internamente o Convento de São Bernardino, dissemos que não haviamos conseguido identificar a finalidade de muitos cômodos na parte térrea do prédio.

Possuindo o Convento um grande número de escravos, naturalmente, algumas dessas dependências seriam senzalas. No ano de 1.808 possuiam os franciscanos em Angra dos Reis, trinta e três negros cativos, sendo vinte e quatro homens e nove mulheres, e no último ano de funcionamento do Convento, apenas um escravo existia, o que o Padre Guardião, Frei Manuel de Santa Isabel Brandão, deixou empenhado por dívidas, quando se retirou para o Convento de Santo Antônio, no Rio de Janeiro, em 1.859.

Sendo uma casa conventual de grande movimento, possuia uma biblioteca com duzentos e quarenta volumes, entre obras profanas, ascéticas, sagradas escrituras, sermões, teologia moral, história sacra e história profana e muitos outros livros sôbre diversos assuntos, no cartório do Convento — como era denominado o arquivo — existiam muitos documentos, dentre os quais os Livros do Tombo, cinco de Contas, dois livros de Registro de Eleições, dois livros Copiadores de Pastorais, um livro de Profissões e Recepções de Noviços, um livro das Profissões da Confraria do Cordão, um livro de Registro de Casamento e Batizados, três de Óbitos dos Religiosos do Convento, um livro de Inventário dos Bens do Convento, um livro de Registro de Óbitos de Escravos, dois livros da Irmandade de Sant'Ana, um livro para assentamentos de Missas rezadas na Igreja do Convento, cento e setenta e quatro documentos catalogados alfabéticamente um pacote contendo vinte e seis documentos avulsos, um maço com seis testamentos nos quais o Convento de São Bernardino era o beneficiado e onze papéis diversos pertencentes à Beata, (nada conseguimos apurar a respeito dessa indecifrável Beata. Acreditamos que fossem manuscritos refe-

rentes à jovem Maria Isabel da Visitação Corrêa, que faleceu em 23 de julho de 1.822, em odor de santidade, cujo corpo mumificado se encontra no cemitério da Ordem Terceira do Carmo). Todos êsses livros e documentos foram remetidos para o Convento de Santo Antônio, no Rio de Janeiro, que era a casa capitular, pelo Síndico Apostólico em 1.859, logo após ter o VELHO CONVENTO deixado de funcionar.

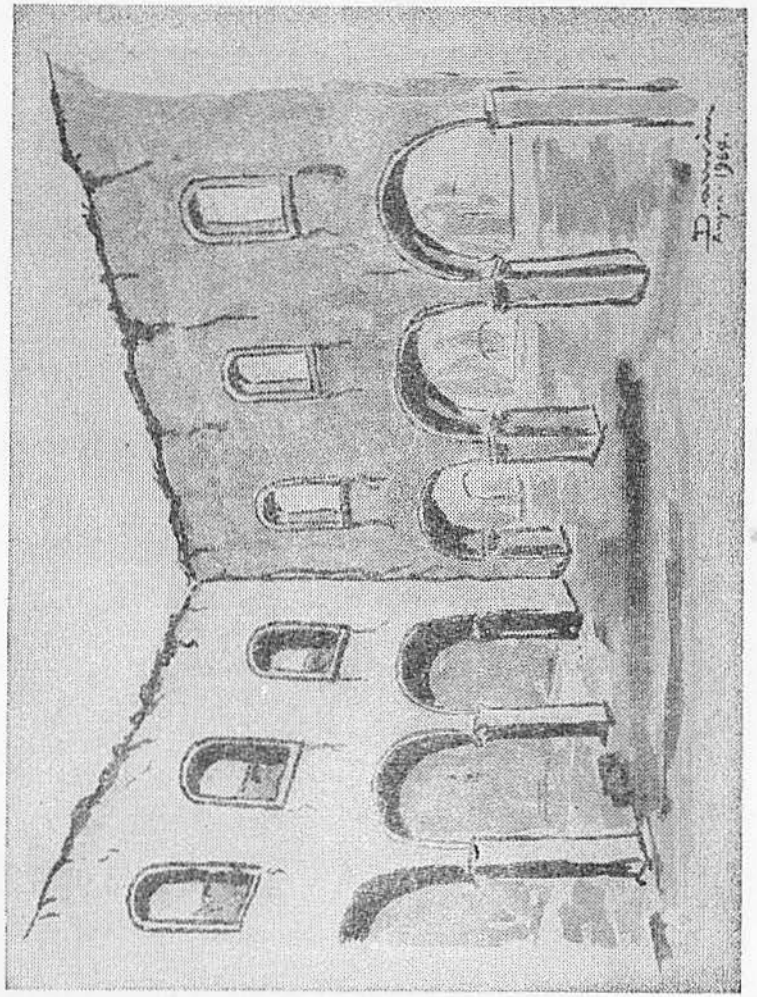
Na sua cela humílima e vasia
Triste o Santo medita. A tarde desce.
E a sua alma na sombra se angustia
Ao dealbar do crepúsculo. Anoitece.

A essa hora espiritual da Ave-Maria,
Sob o confôrto místico da prece,
O Santo monge sente a nostalgia
Do claustro e o peito opresso arfa e estremece.

Êle pensa no mundo, pensa, orando,
Na maldade dos ímpios, na desdita
Dos que da fé não tem o alívio brando.

E do Convento o meigo Irmão porteiro
Seu rosário a rezar com fé contrita,
Resa a Deus pelo povo brasileiro.

("BRASÕES ANGRENSES" — Brasil dos Reis)



ÂNGULO DO PRIMEIRO CLAUSTRO

A IGREJA DO VELHO CONVENTO

Quem entra hoje nas ruínas da Igreja do Convento de São Bernardino de Sena de Angra dos Reis, não pode, nem consegue saber da simplicidade artística e da beleza arquitetônica e pictórica do velho templo franciscano. O que atualmente é ruína, foi monumental, foi grandioso !...

Nós tivemos a ventura de vê-lo ainda intacto em 1.926 e nela assistimos a muitos atos religiosos Acompanhe-nos o leitor, entremos na Igreja naquele ano.

No altar-mor todo trabalhado em talha com os frisos folheados a ouro, em seu trono, um belíssimo crucifixo de jacarandá; no nicho a artística imagem do Orago São Bernardino de Sena, protegida por grossa vidraça; nas pequenas peanhas laterais, as imagens de Santo Antônio à direita e a de São Boaventura à esquerda; o presbitério guarnecido com grades de madeira torneada possue seis tribunas laterais envidraçadas; no corpo da nave mais quatro altares laterais. No primeiro, à esquerda de quem entra, no nicho central a imagem de Sant'-Ana, encimada pelo emblema do Divino Espírito Santo esculpido em madeira e folheado a ouro e dos lados, entre colunas, as imagens de São Joaquim e de São José; no segundo, ainda à es-

querda, a imagem de São Francisco de Assis ladeada pelas de São João Batista e São João Evangelista; do outro lado, isto é, do direito a tradicional imagem de São Benedito, a mesma que veio do primitivo Convento da "*Cachoeira*", e que ainda hoje é venerada por todos os angrenses e cultuada pela secular e Venerável Irmandade de São Benedito; finalmente no último altar vamos encontrar a de Nossa Senhora da Conceição, excelsa padroeira de Angra dos Reis, que atualmente se encontra na sacristia da Igreja Matriz, a qual sai nas procissões do dia oito de dezembro.

Nesse último altar a Virgem da Conceição tem aos lados as imagens de Jesus Menino e a de Santa Águeda.

Detalhe importante é o de que São Benedito, no seu altar, não tem as indefectíveis imagens laterais, talvez porque no tempo do cativeiro os senhores de escravos em Angra dos Reis não permitissem que Santos brancos, ladeassem o Orago da Irmandade dos negros seus escravos. De outra forma não compreendemos.

Ainda do lado direito de quem penetra no santuário vemos magnífica obra de talha folheada a ouro — é o púlpito, no qual tantas vêzes o verbo inflamado e convincente do franciscano angrense Frei José de São Boaventura, foi ouvido contrita e respeitosamente pelos fiéis frequentadores das so-

lenes e tradicionais Missas Cantadas e das poéticas trezenas de Santo Antônio, rezadas ao mês de junho no VELHO CONVENTO.

Do outro lado, majestoso arco escavado na parede, cuja finalidade desconhecemos, desconfiando, porém, que na construção do templo se projetasse erigir uma capela lateral, como era uso nos conventos, idéia depois abandonada.

Passando por uma porta lateral na Capela-Mor vamos ter na sacristia. De um lado, artística pia de mármore, presente de Dom Jose I, de Portugal; defronte, um enorme arcaz de jacarandá e sôbre êle uma cruz de madeira com a imagem do Crucificado em prata portuguêsa.

Quanta grandeza contrastando com a decadência do presente !...

Leitor, volta conosco à Igreja, levanta a vista e olha o riquíssimo lustre de cristal que pende do teto na altura do arco-cruzeiro. Só nêle são acesas cem velas que juntamente com as dos globos pendentes das paredes e as dos ricos castiçais de madeira dos altares, produzem as luminárias nas noites de ladainhas ou nas solenidades noturnas da Quaresma.

Não esqueça meu caro leitor, que estamos no ano de 1.926. O templo está mal conservado, porém, intacto, perfeito. O fôrro e o assoalho estão em bom estado. Sôbre a grade do côro vê-se um deslumbrante docel de madeira trabalhada, tendo na

parte interna a imagem de Jesus Crucificado e na externa, um alto relêvo representando São Jerônimo.

Sob o côro, na porta principal, servindo de paravento, uma cortina de damasco carmezim, com bordados a ouro.

Mas se encontramos intacta a Igreja do Convento de São Bernardino em 1.926, devemos agradecer aos Síndicos Apostólicos Antônio Francisco Corrêa Viana e Vitorino José Coutinho e finalmente aos abnegados angrenses já falecidos, Antônio José Moreira, Antônio Simeão dos Reis, Francisco João do Rosário, João Graciano da Rosa, Antônio Catatau, Geraldo Pedro Fernandes e Joaquim Francisco de Lima que, como irmãos-mesários da Venerável Irmandade de São Benedito, em princípios do ano de 1.904, com o seu próprio trabalho, visto que eram todos operários, e com a ajuda financeira da Mesa Administrativa da Irmandade, fizeram reparos gerais na Igreja, numa tentativa frustrada de conservar tão preciosa relíquia do passado.

Dizemos tentativa frustrada, porque, abandonada pelas autoridades civis e religiosas, foi, finalmente, não reparada, mais destruída pelos próprios Superiores da Ordem Franciscana, quando em 1.927, mandaram inacreditàvelmente, desmontar os altares e destelhar o corpo da Igreja, jogando

tudo como velharia inútil na Capela-Mor, vedando-a com táboas arrancadas do assoalho, como que tomados de inconoclasto vandalismo !

Nos séculos dezesseis a dezoito, quando o Convento de São Bernardino estava em funcionamento e nêle moravam cêrca de trinta frades, grandes eram as festividades religiosas que se realizavam em sua Igreja.

As mais pomposas eram as comemorações em louvor ao Orago São Bernardino no dia 20 de maio de cada ano, que sempre eram precedidas de novenário realizando-se grandes missas cantadas muito concorridas, e a de Santo Antônio, com sua trezena, fogueira no adro da Igreja, balões, fogos de artifício e farta distribuição de cará e melado, preparado pelos escravos do Convento.

Notáveis, também, eram as solenidades da Quaresma, que se iniciavam com a célebre procissão do fogaréu na quarta-feira de cindas, quando saíam em andores todas as imagens que ainda hoje se conservam e estão sob a guarda da Ordem Terceira da Penitência.

Porém, a mais concorrida e porque não dizer a mais tradicional e bela, era a de São Benedito, feita pela sua Venerável Irmandade na segunda-feira de páscoa.

A Irmandade de São Benedito foi fundada ainda no VELHO CONVENTO da *"Cachoeira"*, pelos prêtos escravos de Angra dos Reis, dela só

podendo fazer parte os cativos ou alforriados. Por isso se chamava "Irmandade de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário dos Homens Prêtos" conforme se vê do alvará de aprovação do primeiro compromisso.

Muita gente acha estranho que a festa de São Benedito em Angra dos Reis se realize na segunda-feira da páscoa, e não no dia do próprio Santo que é 3 de abril.

Em nosso paciente e difícil trabalho de pesquisa da história angrense, conseguimos elucidar a questão. — Os senhores de engenho quase todos da zona interiorana de Angra dos Reis e Ilha Grande, possuiam casas ou sobrados na atual cidade, que eram zeladas por seus escravos e que nelas residiam, para permanecerem quando estivessem na sede do burgo angrense, quer para tratar de negócios, quer para curar enfermidades e muito principalmente para virem às festas religiosas, especialmente as solenidades da Semana Santa, quando assistiam as procissões da Via Sacra, do Entêrro, do Encontro, a malhação do Judas no sábado de alelúia e afinal a procissão da Ressurreição no domingo de páscoa.

Aproveitando a estada dos senhores na sede da comuna, os escravos que obrigatòriamente vinham acompanhando os seus donos, resolveram, com a aquiescência dos mesmos, comemorar e festejar seu protetor São Benedito, que oriundo de humilde

família africana, analfabeto, simples Irmão-leigo franciscano, chegou — mercê de suas virtudes — às culminâncias de Guardião do Convento de Santa Maria de Jesus, em Palermo.

É por isso que a festa do glorioso São Benedito, em Angra dos Reis se realiza na segunda-feira de páscoa.

Não vamos descrever para o leitor as tradicionais procissões de São Benedito. Vamos dar-lhe prazer maior. Em companhia do Doutor Johann Emanuel Pohl, sábio médico austríaco que estêve em Angra dos Reis em 1.818, vamos assistir a procissão realizada na segunda-feira, dia 23 de março daquele ano, transcrevendo na íntegra sua descrição contida no livro "VIAGEM AO INTERIOR DO BRASIL", de autoria do referido médico, editado em Viena, no ano de 1.837. — "A festa inicia-se por uma Missa Cantada, depois da qual se faz uma procissão solene no Convento dirigido pelos frades franciscanos. O conjunto oferece aspecto peculiaríssimo. Abrem o cortejo negros com capas de sêda roxa, com velas acesas na mão, e bandeiras ondeantes. Outros trazem em andores figuras de madeira talhada, e afinal aparece a imagem em tamanho natural, de São Benedito, conduzida por prêtos. Todo o povo se ajoelha. Imediatamente atrás da imagem vem o Padre que debaixo de um pálio conduz o Santíssimo. Então separado por um pequeno intervalo aparece

um prêto caracterizado de *Rei,* com uma corôa dourada na cabeça, um cetro de madeira dourada na mão e envolto num manto de sêda. Um menino sustém a cauda do manto, vendo-se aos seus lados, em trajes oficiais diversos, os dignatários. À êstes se segue, em traje oriental, com turbante na cabeça, a *Rainha,* com seu séquito feminino. Fechando o cortejo, soldados descobertos de seus capacetes, com as armas em funeral. Ressôa música e foguetes enchem o ar".

Não era muito diferente da de hoje a festa de São Benedito em 1.818. Só não chegaram até os dias atuais as figuras do *Rei* e da *Rainha.*

Infeliz abolição. Não se deve nem se tem o direito de acabar com a tradição. A falta de tradição representa a pobreza histórica de um povo.

A última vez que os *soberanos* fizeram parte da procissão de São Benedito foi no ano de 1.898 e foram representados pelos ex-escravos Adão João Fernandes — Adão Carrasco — como era vulgarmente conhecido e a preta Catarina Maria Antônia.

Festa de São Benedito.
O programa é "assim" de *bão!*
E logo à noite é meu fito
Ter de assistir o leilão.

"Êta! Festejo bonito!"
Diz o povo em comoção.
(O povo que mui contrito
Acompanha a procissão.)

De noite é o Leilão de prendas;
Dôces, *segredos,* prebendas
E tudo mais que tiver!

E eu conto a minha potóca,
Prá cima de uma chinóca
Que vai ser minha mulher!

"POSTAIS ANGRENSES" — Brasil dos Reis

JANELAS DOS CÁRCERES, DANDO PARA O SEGUNDO CLAUSTRO

A LENDAS DO CONVENTO DE SÃO BERNARDINO

Não podiam os frades franciscanos e seus Conventos em Angra dos Reis passar sem ter suas lendas, suas estórias.

Como já vimos no decorrer dêste nosso trabalho, durante a invasão francesa de 1.710, estivera a esquadra de Duclerc bombardeando a vila e deliberadamente o VELHO CONVENTO, ao tempo do guardianato de Frei João da Conceição Sanches.

Com os poucos recursos de que dispunha, o Governador enfrentou o ataque. Com a vila cada vez mais bombardeada, com o Convento de São Bernardino sendo muito alvejado, a população — diz a lenda — refugiou-se no primitivo Convento dos franciscanos, localizado na *"Cachoeira"* e orando fervorosamente implorou a proteção Divina.

... Rezava a população angrense juntamente com os piedosos monges do Convento, quando uma certeira bôca de fogo francesa alveja a porta principal do Convento. Nesse momento a imagem do Orago São Bernardino de Sena, como que recebendo vida, desce de seu nicho no altar-mor e começa a aparar as balas com as mãos !

Brasil dos Reis, o laureado poeta angrense, nos seus *"Postais"*, assim nos retrata a lenda:

Conta uma lenda bonita
Que a gente antiga encantou,
A história de uma desdita
Que na vila se passou.

Uma galera maldita
Que a mão do Demo empurrou,
Em nossa plaga bendita
Um dia aziago aportou.

Logo um tiro os ares corta...
Do Convento à larga porta
Cai — e enquanto em confusão,

A rebate toca o sino,
Desce o altar São Bernardino
E apanha a bala com a mão!

Outra lenda interessante é a do "Morro do Frade". Atualmente dizem que a denominação se deve ao fato de o pico do morro representar a forma de um monge com capucho alçado. Nada disso. A razão é muito outra, vamos contá-la. — Antes da fundação das casas franciscanas nestas paragens e mesmo depois da ereção dos Conventos, muitos

eram os frades que andavam evangelizando os índios do nosso litoral. Uns eram sacerdotes, outros, simples irmãos-leigos.

Constantemente esses religiosos viajavam a pé ou a cavalo vindo e indo dos aldeiamentos paulistas, até os da Ilha Grande, que os silvícolas chefiados por Cunhãbebe denominavam de Ypau-guaçú. Êsse hábito e a necessidade de tais caminhadas persistiram até mesmo depois da construção dos Conventos de Angra dos Reis.

Como ponto de apôio, mantinha a Ordem Franciscana um Síndico Apostólico na vila de Paratí, para tratar da *matolotagem* e das *pousadas* dos frades, conforme dizem os documentos antigos que compulsamos. Um dos últimos Síndicos franciscanos na referida vila de Paratí foi Gaspar Martins Figueira.

Numa dessas rotineiras viagens, via de regra tranquilas, depois de ter sido assistido pelo Síndico de Paratí, onde naturalmente teria se *refrescado* de tão árdua quão penosa viagem, um piedoso frade, como tantos outros, tomou o destino da vila de Ilha Grande.

Com certeza, conhecendo o idioma de Cunhãbebe, vinha o frade ministrando aos índios a verdade de Deus.

Desconfiados e sobretudo muito enganados pelos estrangeiros que, inclusive, os escravisavam os silvícolas do aldeiamento de Mambucaba, não

acreditando na pregação de fé do religioso franciscano, resolveram liquidá-lo; não com ritual próprio dos prisioneiros de guerra, mas de maneira diferente.

Caminhavam todos... O frade doutrinando os índios e estes esperando o momento oportuno para abatê-lo, conforme instruções do Cacique.

Finalmente, quando transpunham a majestosa montanha, que hoje é denominada "do Frade", um dos selvagens desfechou certeira e mortal pancada com seu tacape na cabeça do indefeso franciscano.

... E daí para cá, a montanha ficou conhecida como "Morro do Frade".

DECADÊNCIA, REQUISIÇÕES E RUÍNAS DO VELHO CONVENTO

Começou em 1.831 a decadência do Convento, pois, daquele ano em diante, sòmente moravam nêle dois frades — o Guardião e um Irmão Leigo — e de 1.838 para frente encontramos apenas o Guardião residindo no Convento.

Nesse estado de abandono começaram as autoridades da Província e mesmo as de Angra dos Reis a solicitar o edifício para as mais diversas finalidades, como adiante veremos.

Necessitando ser reparado o prédio do Seminário de Jacuecanga em 1.824, o Govêrno da Província solicitou aos Superiores franciscanos que fôssem abrigados no Convento de São Bernardino os internos do referido Seminário que eram menino pobres e na maioria órfãos, tendo o Padre Provincial, depois de ouvir o Guardião do VELHO CONVENTO, Frei Mateus de Cristo, atendido o pedido do Governador.

Em 23 de fevereiro de 1.825 novamente voltaram os alunos do Seminário da Santíssima Trindade de Jacuecanga para o Convento de São Bernardino sendo recebidos e hospedados piedosamente pelo Padre Guardião, Frei Henrique de Sant'-Ana, porquanto as obras de reparos do prédio do

educandário fundado pelo Irmão Joaquim do Livramento, assim o exigiam.

Cada vez mais arruinado o prédio do Seminário de Jacuecanga e precisando de grandes consertos, voltaram outra vêz os seus meninos para o Convento de São Bernardino em setembro de 1.831, no Guardinato de Frei Francisco de Santa Clara.

Mais uma vêz o Govêrno Provincial em 1.839 pretendeu o Convento de São Bernardino. Desta feita, porém, queria trocá-lo pelo edifício do Seminário de Jacuecanga para nêle instalar o Liceu Provincial recém-criado, tendo a êsse respeito endereçado carta de 6 de junho ao Padre Provincial, Frei Joaquim de São Jerônimo Sá, sendo negada a pretensão governamental pelo definitório dos franciscanos.

Como que tomado por uma idéia fixa, o Visconde de Baependi, que governava a Província do Rio de Janeiro, da qual Angra dos Reis era componente, voltou em carta de julho de 1.840 a postular a cessão do Convento, mas mediante uma espórtula e pelo prazo de nove anos, tendo então os Superiores franciscanos aceitado sua proposta.

Sòmente em 1.843 foi instalado o Liceu Provincial no Convento de São Bernardino. Escrevendo ao Padre Provincial em carta de 4 de abril de 1.849, o Padre Guardião, Frei Bernardo da Purificação, implorava ao seu Superior que revogasse o contrato que havia permitido o funcionamento do Liceu no Convento, porquanto a população angrense não ajudava mais aos frades franciscanos, alegando que tinham alugado a casa e também para sossêgo dos frades residente no Convento, possuindo o curso apenas um aluno internado e poucos estudando.

Por falta de alunos o Liceu Provincial cessou suas atividades antes do término do prazo contratual com os frades franciscanos.

Manifestando-se uma epidemia de febre amarela em Angra dos Reis, em setembro de 1.855, o Presidente da Província voltou a pedir aos dirigentes da Ordem franciscana que cedessem um dos salões do Convento de São Bernardino para nêle instalar uma enfermaria de emergência, para tratamento dos enfermos indigentes, tendo o Padre Provincial, Frei Antônio do Coração de Maria, concordado, e mais, determinado ao Padre Guardião, Frei Luís de Santo Ambrósio, que era o único morador do Convento, que desse assistência religiosa aos enfêrmos, dando sepultura aos que viessem a falecer, no cemitério dos escravos, nos fundos do Convento.

Debelada a epidemia, tornou o Govêrno Provincial a querer fazer funcionar novamente o Liceu no Convento. Para tal determinou que um engenheiro do corpo de funcionários da Província

viesse à Angra dos Reis examinar o estado de conservação do edifício e apresentasse orçamento para as obras, que seriam custeadas pelo tesouro do Govêrno.

Orçou o engenheiro em quatorze contos de réis (atualmente NCR$ 14,00) os reparos gerais do prédio. Todavia, tais obras não se realizaram. Como que condenado a fugir de sua finalidade, O VELHO CONVENTO de São Bernardino Sena de Angra dos Reis, depois de ser colégio e isolamento de doentes, quase virou Santa Casa.

Para isso a Irmandade da Santa Misericórdia, em 1.860, pediu aos Superiores franciscanos que doassem o Convento e suas terras para o hospital da Santa Casa.

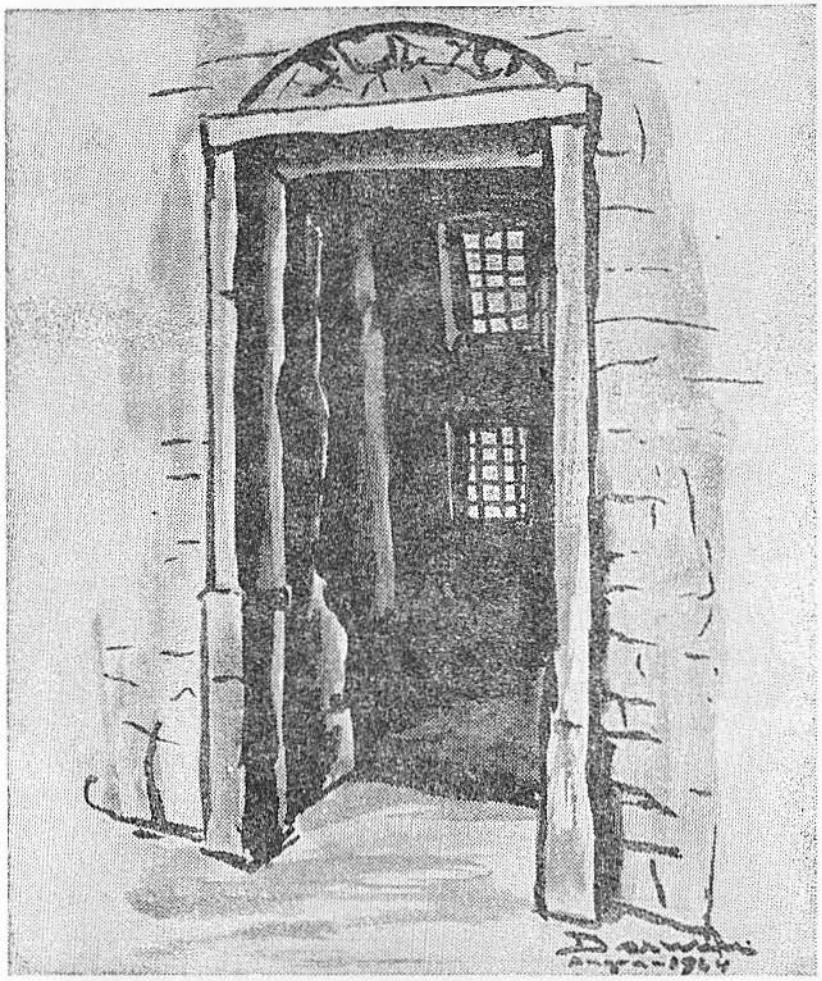
Também a Ordem Terceira Franciscana de Angra dos Reis pretendeu o Convento no mesmo ano de 1.860. Tanto a Santa Casa como a Ordem Terceira tiveram seus pedido rejeitados pelo definitório, em sessão realizada no dia 11 de setembro daquele mesmo ano, conforme se poderá ver da carta que passamos a transcrever, e que foi dirigida ao Presidente da Câmara de Vereadores de Angra dos Reis, Comendador João Pedro de Almeida, pelo Padre Provincial: "Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor. Em resposta à carta que Vossa Excelência fêz-nos a honra de dirigir com data de ontem, solicitando a solução dos requerimentos da Santa

Casa de Misericórdia e Ordem Terceira de São Francisco da cidade de Angra dos Reis, cabe-me participar a Vossa Excelência que a Administração da Ordem, fundada em ponderosas razões, e à vista dos embaraços que obstaram a realização do contrato projetado acêrca do Convento da cidade de Santos, resolveu ultimamente não alienar mais casas, terrenos, ou outros objetos que lhe pertencem, quer por cessão gratuíta, quer por venda ou qualquer título, exceto o da desapropriação legal, quando o reclamar a utilidade pública. Como Vossa Excelência não ignora, alguns dos nossos Conventos e terrenos hão sido generosamente cedidos pela Corporação que, apezar de pobre, nenhuma retribuição tem procurado até hoje, além da honra de ser útil à Pátria, não pode, porém, dar o pouco, que lhe resta, nem sacrificar-se, parece que é tempo de tocar também a glória a outras Ordens mais opulentas, e que talvez por isso, suas Casas não são apetecidas. Os Religiosos estão no firme e inabalável propósito de nada perderem daqui em diante, senão pelo poder da lei, ou da fôrça, contra a qual não há resistência e nestes princípios, apezar do respeito e alta consideração que Vossa Excelência nos merece, pedimos-lhe vênia, por não acedermos ao pedido que se nos faz, por sua valiosa intercessão.

Desejando a Vossa Excelência e à sua nobre família saúde perfeita e tôdas as felicidades, temos a honra de subscrevermo-nos. De Vossa Excleência, humilde servo. O Provincial, Frei Antônio do Coração de Maria Almeida".

Graças às informações desfavoráveis do Síndico Apostólico Antônio Francisco Corrêa Viana — na nossa opinião — devemos o desabamento do VELHO CONVENTO, pois, acreditamos que se o Provincialato franciscano tivesse permitido que a Ordem Terceira de São Francisco de Angra dos Reis zelasse pelo seu Convento e pelo seu patrimônio, o Convento e a Igreja de São Bernardino não estivessem em ruínas, como não está a Capela de São Francisco da referida confraria, que sendo da idade do Convento está em perfeitas condições de conservação e em funcionamento, graças ao amor dos terceiros franciscanos pela sua casa religiosa em Angra dos Reis. O Definitório Franciscano, no dia 11 de setembro de 1.860, indeferindo o pedido da Administração da Ordem Terceira, condenou o Convento de São Bernardino de Angra dos Reis à ruína.

Numa tentativa desesperada para salvar êsse verdadeiro monumento, testemunha muda. mas eloquente, da grandeza e da fé do povo angrense, o Síndico Apostólico Antônio Francisco Corrêa Viana mandou fazer no ano de 1.860, por sua conta, obras no Convento, retirando as goteiras e subs-



PORTA DE ENTRADA DO CÁRCERE TÉRREO

tituindo o madeirame estragado e mandando fazer pintura externa.

Conforme já dissemos, êste nosso escrito poderia ser muito mais completo, se as nossas súplicas tivessem sido atendidas pelo Provincialato franciscano sediado em São Paulo, para nos permitir consultar o seu arquivo.

Como, porém, isso não nos foi possível, contamos, apenas, com os escassos elementos conseguidos em fontes menos férteis.

Assim, apuramos que no atual Convento de São Bernardino de Sena de Angra dos Reis habitaram, além de muitos outros, os seguintes frades: Frei Antônio de São José, Comissário da Ordem Terceira em 1.754; Frei Luís de São José, falecido no Convento aos 28 de dezembro de 1.796; Frei Eleutério de Santa Rosa de Viterbo, falecido no Convento em 10 de junho de 1.797; como Comissário da Ordem Terceira; Frei Francisco dos Remédios Carvalho, Comissário de Ordem Terceira em 1.783; Frei João de Santa Clara Pinto, que durante 40 anos foi Mestre de canto-chão no Convento; Frei João da Conceição, falecido na Vila de São João Marcos em 1.825, quando esmolava para o VELHO CONVENTO; Frei Sebastião de Nossa Senhora da Penha, falecido no Convento em 16 de abril de 1.833; Frei Manuel de Santa Veridiana, Porteiro do Convento em 1.819; Frei Antônio de São Miguel, falecido no Convento em 1.838; Frei José de São Boaventura, natural de Angra dos Reis, em 1.823 era Comissário da Ordem Terceira; Frei Manuel do Coração de Maria, falecido no Convento em julho de 1.835; Frei Alexandre de Santa Dorotéia Mourão, Comissário da Ordem Terceira em 1.768; Frei Dionísio de Santa Pulquéria, falecido no Convento em junho de 1.811; Frei Manuel da Conceição Salgado, Porteiro do Convento de 1.786 à 1.787; Frei Custódio de Santa Clara Silva, falecido como Guardião do Convento em 29 de outubro de 1.800; Frei Antônio da Natividade Martins, Lente de moral do Convento em 1.781; Frei Manuel Luís da Conceição Teixeira, Comissário da Ordem Terceira em 1.780; Frei Luís de São Bernardo Albergaria, Lente de moral no Convento em 1.787; Frei Antônio da Natividade Costa, Comissário da Ordem Terceira em 1.809; Frei Joaquim da Santíssima Trindade Neto, Comissário de Ordem Terceira em 1.784; Frei Bernardo da Purificação, natural de Angra dos Reis, Guardião em 1.838; Frei Manuel do Coração de Maria, falecido no Convento em julho de 1.835; e Frei Manuel de Santo Olavo, que era angrense, e que, após secularisar-se, veio a ser o Vigário da Paróquia de 1.874 à 1.877 e de 1.882 à 1.887, com o seu nome secular de Padre Manuel Olavo de Souza. O ex-frade franciscano angrense Padre Manuel Olavo de Souza

era filho de Sebastião Gonçalves de Souza e de Dona Rosa da Conceição, ingressou na Ordem Seráfica em 6 de setembro de 1.848, tendo feito sua profissão solene em 8 de setembro de 1.840, recebendo ordens em 4 de agôsto de 1.850 e faleceu no cargo de Vigário de Angra dos Reis em 6 de fevereiro de 1.887.

Quando o nosso ilustre conterrâneo General Honório de Souza Lima era deputado à Assembléia Provincial, no ano de 1.883, numa tentativa vã de salvar o edifício do Convento de São São Bernardino, apresentou no dia 18 de setembro daquele ano, o projeto de lei n.º 3.280, que propunha o estabelecimento de um depósito de menores no já arruinado monastério. Tal proposição, no entanto, não chegou a ser objeto de deliberação, ficando arquivada, sem qualquer solução.

Apesar de não ter obtido sucesso na sua primeira investida para preservar o prédio da tradicional casa franciscana de Angra dos Reis, mais tarde voltou o nosso abnegado conterrâneo a sugerir ao Govêrno que fôsse aproveitado o VELHO CONVENTO como depósito geral para imigrantes.

No ano de 1.889 quiz o Govêrno Imperial instalar no Convento de São Bernardino de Angra dos Reis, o Imperial Colégio Militar. Criada uma comissão para opinar sôbre o assunto, depois de ter vindo examinar o edifício, concluiu pela inviabilidade da instalação daquele estabelecimento de ensino militar em Angra dos Reis, por não haver na circunvizinhança do Convento planície suficiente para os exercícios de ginástica e ordem-unida dos alunos, concluindo que fôsse o mesmo erigido na Côrte.

Continuando desabitado, cada vêz mais foi se arruinando o Convento, apezar do zêlo de Síndico Apostólico Antônio Francisco Corrêa Viana e de ter numa das dependências a Mesa Administrativa da Venerável Irmandade de São Benedito. Mesmo assim continuava a ser cobiçado o malsinado monastério para os mais diversos fins.

Em 1.865, durante a guerra do Paraguai, apareceram alguns casos de varíola em Angra dos Reis, tendo a Câmara de Vereadores solicitado ao Provincial Franciscano, em pedido assinado pelo seu Presidente Manuel de Almeida Marques, juntamente com os demais membros da Colenda Câmara, que naquela época se compunha dos Vereadores Manuel Jordão da Silva Vargas, Luís da Cunha Pinto, Antônio José da Silva Júnior, Padre Domingos Fernandes Vieira, Antônio Francisco da Silva Lima, Manuel de Souza Dias, Antônio José de Carvalho e Julião Pereira Maia, além do Presidente, que permitisse a instalação de uma enfermaria no Convento. Após ter sido ouvido o Síndico Apostólico Antônio Francisco Correa Viana, foi finalmente dado permissão.

Ao tempo do Padre Provincial Frei João do Amor Divino Costa, em 1.871, mais uma vez foi o Convento transformado em hospital para isolamento de enfermos atacados de varíola, ocupado manu-militari pela Câmara de Vereadores, que naquele período era composta quase que exclusivamente por militares e estava assim constituída: Doutor Dinís Frederico de Vilhena, Presidente; Major José Francisco Magalhães, Capitão Bento José Travassos, Capitão João Alvarenga da Rocha, Major Francisco Figueiredo de Andrade, Tenente Luís Antônio de Sousa, Capitão Bernardo Teixeira da Cunha Lousada, Capitão Francisco Gonçalves da Nóbrega e Alferes José Joaquim Pinto Monteiro, Vereadores; de nada valendo os protestos do Síndico Apostólico Antônio Francisco Corrêa Viana.

Tendo falecido Antônio Francisco Corrêa Viana em setembro de 1.879, foi nomeado Síndico Apóstólico o Vice-Cônsul de Portugal em Angra dos Reis, Vitorino José Coutinho, que no ano de 1.892, auxiliado pelo benemérito angrense João Raimundo da Câmara Barreto, procedeu a novas obras no VELHO CONVENTO, tendo o Padre Provincial Frei João do Amor Divino Costa se prontificado a indenizá-los e a dar uma quantia mensal para limpeza e conservação do prédio.

Depois dos reparos mandados fazer por Vitorino José Coutinho e João Raimundo da Câmara

Barreto nunca mais se tapou uma goteira, se fêz uma limpeza no telhado, se substituiram madeiras estragadas ou se remendou uma parede. Foi o abandono total e criminoso.

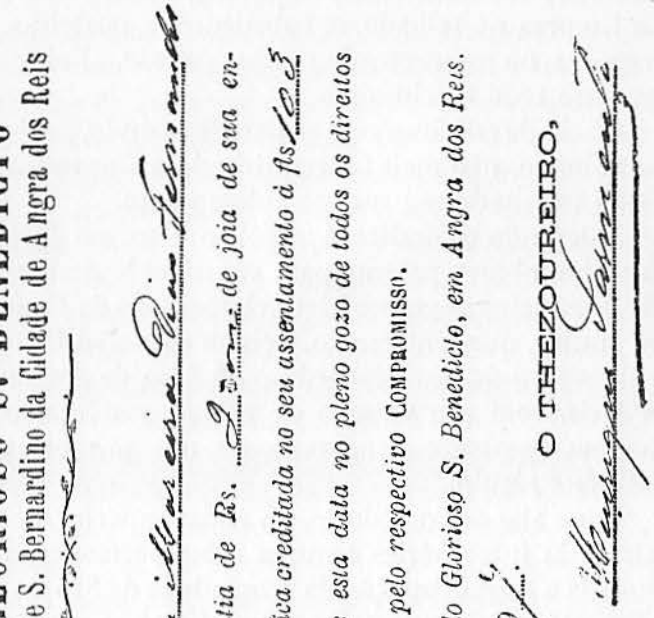
Cheio de goteiras, com as paredes caindo, muito arruinado, não mais foi requisitado o Convento e ficou inabitado até ruir completamente.

Falecendo o Síndico Apostólico Vitorino José Coutinho, obteve patente para substituí-lo o abastado fazendeiro angrense Manuel Joaquim da Fonseca Júnior, que, entretanto, deixou que o edifício do Convento de São Bernardino de Sena de Angra dos Reis, com um passado de tantas grandezas e tradições desabasse funebremente nos primeiros anos dêste século.

Duas alas de corredores, no andar superior, resistiram às intempéries e numa delas permaneceu instalada a Administração da Irmandade de São Benedito até bem pouco tempo, isto é, até se mudar para a Igreja de Santa Luzia.

Essa ala, como que num desafio ao tempo e ao abandono, ou para testemunhar a glória de um passado e o esplendor de uma vida, ainda hoje está de pé. A outra foi demolida por se ter constituído em perigo para os visitantes das ruínas.

Mas não foi só um corredor que se manteve de pé, resistindo à fúria do tempo e o descasso dos homens, para trazer até nós o reflexo de um esplendor longiquo. Apesar de várias vêzes defeituoso e



N. 37

IRMANDADE DO GLORIOSO S. BENEDICTO

Instituida na Egreja do Convento de S. Bernardino da Cidade de Angra dos Reis

Recebi do Irmão [illegible] de 24 annos de idade, a quantia de Rs. 9$000 de joia de sua entrada para esta Irmandade, que fica creditada no seu assentamento á fls. 23 do Livro 4; entrando desde esta data no pleno gozo de todos os direitos e regalias que lhe são facultados pelo respectivo COMPROMISSO.

Thezouraria da Irmandade do Glorioso S. Benedicto, em Angra dos Reis. 9 de [illegible] de 189 4.

O THEZOUREIRO,

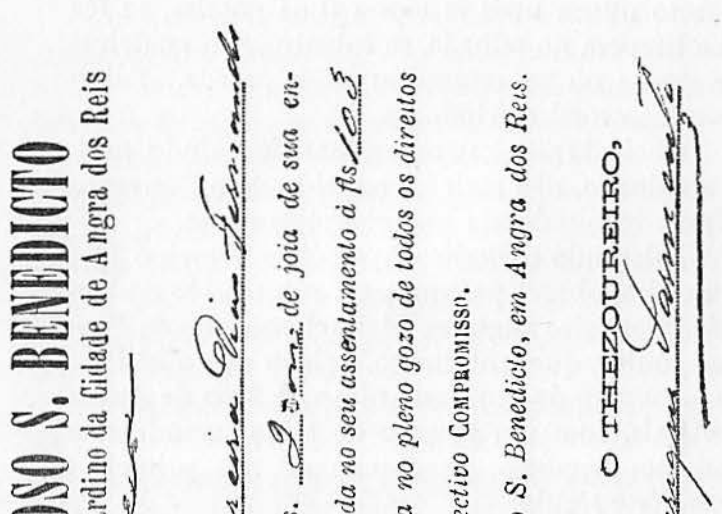
No século passado a *jóia* para ingresso na Venerável Irmandade de São Benedito custava dois mil réis, conforme se vê no recibo passado pelo Irmão Tesoureiro Henrique Carlos da Silva Sarmento, em 9 de maio de 1.897 à dona Ana Moreira Dias Fernandes.

muitas outras reparado, continua até hoje, teimosamente, batendo as horas no sino do VELHO CONVENTO, o não menos velho relógio, de fabricação germânica, instalado na tôrre, logo após a inauguração da casa.

Já esteve parado em diversos períodos, e, em 1.855 o Delegado de Polícia, Coronel João Huet Bacelar Pinto Guedes, escrevia ao Padre Provincial, pedindo que fosse consertado o utilíssimo relógio, que se achava danificado, pois era muito necessário para a população o toque das dez horas da noite, anunciando o silêncio e o repouso da comuna.

Pelos superiores franciscanos foi então determinado ao Padre Guardião do Convento de São Bernardino, Frei Moisés Lino de Santa Águeda, que providenciasse para que o relógio voltasse a funcionar, no que foi atendido.

Recentemente, a Ordem Terceira franciscana e o hábil relojoeiro angrense Mário Pires, têm feito os concertos e zelado pela conservação e funcionamento de tão preciosa relíquia histórica, e por isso ainda hoje, sob as ruínas do VELHO CONVENTO, tôda população continua escutando o plangente badalar das horas no sino grande, como o pulsar de um coração renitente ao corpo de um moribundo inerte.



N. 37

IRMANDADE DO GLORIOSO S. BENEDICTO

Instituida na Egreja do Convento de S. Bernardino da Cidade de Angra dos Reis

Recebi do Irmão [illegible] *de* 29 *annos de idade, a quantia de Rs.* 2$000 *de joia de sua entrada para esta Irmandade, que fica creditada no seu assentamento á fls.* 103 *do Livro* 4 *; entrando desde esta data no pleno gozo de todos os direitos e regalias que lhe são facultados pelo respectivo* COMPROMISSO.

Thezouraria da Irmandade do Glorioso S. Benedicto, em Angra dos Reis.

2 *de* [illegible] *de 189* 4.

O THEZOUREIRO,

No século passado a *jóia* para ingresso na Venerável Irmandade de São Benedito custava dois mil réis, conforme se vê no recibo passado pelo Irmão Tesoureiro Henrique Carlos da Silva Sarmento, em 9 de maio de 1.897 à dona Ana Moreira Dias Fernandes.

muitas outras reparado, continua até hoje, teimosamente, batendo as horas no sino do VELHO CONVENTO, o não menos velho relógio, de fabricação germânica, instalado na tôrre, logo após a inauguração da casa.

Já esteve parado em diversos períodos, e, em 1.855 o Delegado de Polícia, Coronel João Huet Bacelar Pinto Guedes, escrevia ao Padre Provincial, pedindo que fosse consertado o utilíssimo relógio, que se achava danificado, pois era muito necessário para a população o toque das dez horas da noite, anunciando o silêncio e o repouso da comuna.

Pelos superiores franciscanos foi então determinado ao Padre Guardião do Convento de São Bernardino, Frei Moisés Lino de Santa Águeda, que providenciasse para que o relógio voltasse a funcionar, no que foi atendido.

Recentemente, a Ordem Terceira franciscana e o hábil relojoeiro angrense Mário Pires, têm feito os concertos e zelado pela conservação e funcionamento de tão preciosa relíquia histórica, e por isso ainda hoje, sob as ruínas do VELHO CONVENTO, tôda população continua escutando o plangente badalar das horas no sino grande, como o pulsar de um coração renitente ao corpo de um moribundo inerte.

REMONTAGEM DO ALTAR DA ANTIGA IGREJA

NOTAS FINAIS

Conforme constatamos, todas as associações religiosas franciscanas de Angra dos Reis foram fundadas ainda no tempo do VELHO CONVENTO da "Cachoeira". Naquela primeira casa dos frades de São Francisco foram criadas a Ordem Terceira da Penitência, a Irmandade dos Homens Pretos de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, a Confraria do Cordão e a Irmandade de Sant'Ana, sendo que estas duas últimas não chegaram até os nossos dias.

A Irmandade de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, que no tempo do cativeiro só aceitava para irmãos os negros escravos ou forros, não possui em seus arquivos qualquer elemento que permita verificar a data de sua origem em Angra dos Reis.

Apenas são conservados no seu desfalcado arquivo, alguns livros de registro de irmãos e o *nôvo "compromisso"* aprovado em 7 de novembro de 1.854.

Como curiosidade, vamos contar a origem da imagem do Menino Jesus, a que sai na procissão do Orago da Irmandade, juntamente com a de Nossa Senhora do Rosário.

Em 18 de abril de 1.838 o Irmão mesário Tomás Antônio Dias promoveu uma subscrição entre os irmãos menores da Irmandade e adquiriu a tradicional imagem de Jesus Menino, que ainda hoje é venerada por todos os angrenses. Do mesmo modo que esclarecemos a aquisição e o aparecimento do Menino Jesus na procissão de São Benedito de Angra dos Reis, vamos ver também como foi instituída a *"caixinha"* para coleta de donativos entre os fiéis devotos de São Benedito. No ano de 1.836, em 18 de abril, sendo tesoureiro da Venerável Irmandade de São Benedito o confrade André dos Santos Lima, saiu às ruas, levada pelos irmãos-mesários, a tradicional *"caixinha"* que ainda hoje percorre as ruas e arrabaldes da cidade, levada por um Irmão devidamente revestido da opa branca com cabeção roxo, angariando donativos.

Um fato digno da menção neste nosso trabalho é o do Irmão escravo Antônio Catatau. No tempo da escravidão era uso na Irmandade de São Benedito de Angra dos Reis, após as festividades em louvor ao Orago, que em reunião da Mesa Administrativa, se puzessem os nomes de todos os Irmãos escravos numa sacola e um dos irmãos meninos procedia a um sorteio, retirando um dos nomes, que a Irmandade, do seu cofre, adquiria a carta de liberdade.

Acontece que nos últimos anos em que existiram escravos no Brasil, obedecendo a praxe e as

determinações do seu *"Compromisso"*, a Irmandade fêz proceder ao sorteio para a liberdade de um seu membro, tendo sido contemplado o Irmão — escravo Antônio Catatau, de propriedade da família Travassos. Cientificado o seu *Senhor* do propósito da Mesa Administrativa da Irmandade de adquirir o negro Antônio Catatau, que por sinal era um excelente *carapina*, não se conformou o mesmo com o prêço oferecido — um conto de réis.

Diante do impasse, resolveram os Irmãos-Mesários ir à Justiça, invocando as disposições de seu *"Compromisso"* e solicitando a desapropriação do prêto em favor da Irmandade. Tão simpática e legal era a pretensão da Irmandade que a Justiça em breve tempo houve por bem desapropriar a favor da Irmandade de São Benedito, para ser afinal alforridado, o Irmão escravo, mestre Antônio Catatau, o mesmo que nos princípios dêste século, juntamente com outros, trabalharia nas obras da igreja do VELHO CONVENTO.

A respeito da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, infelizmente, também em seu arquivo, possuindo apenas alguns livros e documentos muito deteriorados pelo tempo e mau trato, quase nada conseguimos apurar em nossas pesquisas.

A sua Capela, contígua à Igreja do "VELHO CONVENTO", é posterior ao ano de 1.750, pois, naquele ano ,no dia 2 de fevereiro, é que o Síndico

Apostólico Capitão Baltazar Mendes dt Araújo, devidamente autorizado pelo Padre Provincial e pelo Padre Guardião do Convento de São Bernardino procedeu à doação do tereno necessário para a construção da Igreja dos Irmãos Terceiros, sendo Irmão Ministro o Alferes Sebastião Gonçalves Martins, conforme se vê da escritura lavrada nas notas do tabelião Manuel Antônio Freire, a seguir transcrita: "Saibam quantos êste público instrumento de escritura de doação virem que, no ano de nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil setecentos e cinquenta, aos dois dias do mês de fevereiro do dito ano, nesta Vila de Angra dos Reis da Ilha Grande, em o Convento de São Bernardino desta Vila em o consistério que serve aos da muito Venerável Ordem Terceira da Penitência aonde eu tabelião adiante nomeado fui chamado e o sendo ali presente o Síndico atual Capitão Baltazar Mendes de Araújo de uma parte e da outra o Irmão-Ministro Alferes Sebastião Gonçalves Martins e mais irmãos da Mesa da Venerável Ordem Terceira, todos moradores desta Vila e pessoas reconhecidas de mim tabelião e pelas mesmas testemunhas aqui nomeadas e assinadas. E em presença das mesmas testemunhas pelo dito Síndico me foi dito que êle doador em nome da Santa Sé Apostólica e como seu procurador legítimo dava e doava desde agora para o sempre, a Venerável Ordem Terceira de Nosso Seráfico Padre São Francisco, dezessete braças de terras corrente ao atravéz da igreja do Convento onde estão os botaréus da porta da Capela-mor para o norte e daí doze braças para leste a fazer quadra que venha findar no muro do pátio da igreja; para que nesta terra possa fazer sua Capela de exercício e consistório para serventia da dita Venerável Ordem Terceira, para tal efeito fica concedida licença e faculdade de poder abrir e romper as paredes da Igreja e formar uma orla entre os dois botaréus que abrem para a dita parte do norte, a qual orla servirá de entrada para Sua Capela nova que fizerem e outrossim, concedia a poderem abrir uma porta de frente para correspondência da portaria do Convento para que sirva de serventia fácil e pronta para sua Capela que lhe deverá ficar no pátio interno da dita terra doada, acautelando porém como logo acautelado tem que a presente doação e concessão que lhe fazia não poderia ter em tempo algum seu inteiro efeito e valor sem as condições seguintes: — A primeira que a dita Venerável Ordem Terceira seria a fazer e continuar a Capela pelos mesmos alicerces que já estão feitos, continuando as paredes pelos mesmos botaréus da igreja e firmando na parede da dita igreja um arco forte e permanente que possa firmar e segurar a parede da igreja em têrmos que não padeça ruína a qual por esta escritura será a mesma Ordem obrigada a preservar de todo o dano e risco. A segunda condição que feito o dito arco na parede do lado

querendo, que fica firme, valiosa e perpetua e na melhor forma de direito. E logo pelo dito Irmão-Ministro e mais Irmãos da Venerável Ordem Terceira abaixo assinados, me foi dito que êles por si e em nome da dita Ordem aceitavam esta escritura de doação por suas pessoas e seus presentes e futuros, havidos e por haverem a cumprir em todas as cláusulas expressadas nesta escritura por si e pelos seus sucessores que por êles aceitavam e nesta forma me pediam lhes fizesse esta escritura nestas notas a qual aceitavam, e eu, como tabelião aceito como pessoa pública estipulante e aceitando assinará com as testemunhas presentes que também assinam Salvador Garcia da Silva e Miguel da Silva Gomes, moradores desta vila e pessoas reconhecidas de mim tabelião Manuel Antônio Freire que escrevi e assino com os doadores. Eu, sobredito tabelião a escreví e declarei, (aa) Baltazar Mendes de Araujo, Síndico; Sebastião Gonçalves Martins, Ministro; Custódio Gomes da Silva, Secretário; Bento de Magalhães Teixeira, Síndico; Luiz F. da Silva Gomes, Definidor; Burguignon de Carvalho, Definidor; Miguel Barbosa, Definidor; Miguel da Silva e Salvador Garcia da Silva".

Como vimos, a edificação da Capela da Venerável Ordem Terceira da Penitência de Angra dos Reis, deu-se depois de 1.750, ano da doação do terreno.

A Igreja dos Irmãos Terceiros é simples e de construção pobre. Possui um só altar — o mor. É tôda pintada de branco, não tem dourados nem púlpitos e o côro é despido de qualquer ornamento artístico. No único altar, em seu trono, está a imagem do Seráfico Orago da franciscana confraria, tendo aos lados as imagens de São Francisco, em simbolismos diferentes. No consistório da capela da Ordem Terceira encontram-se algumas das imagens de Santos franciscanos ainda do tempo do VELHO CONVENTO, guardadas alí, após a ruíno total da Igreja do atual Convento.

Ao lado do templo, conservado em relativo estado de zêlo, graças a um grupo de abnegados franciscanos, acha-se o cemitério da Ordem, com catacumbas seculares e ricos mausoléus, alguns de personalidades ilustres da terra angrense.

Nós angrenses não compreendemos como pode permanecer tão abandonado o que ainda resta do VELHO CONVENTO. O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nada faz para impedir o desaparecimento total do outrora tão importante monastério!

Ainda no dia 26 de julho de 1.964 um grupo de Irmãos da Venerável Ordem Terceira da Penitência, a cuja administração e guarda está entregue o Convento de São Bernardino, num esfôrço inaudito e numa demonstração insofismável de amor ao que resta do patrimônio histórico de Angra dos

Reis, com ajuda da população católica da cidade, conseguiu restaurar o altar-mor do VELHO CONVENTO, tendo sido naquele memorável dia celebrada solene Missa na tradicional Igreja, abandonada desde o ano de 1.927.

A Santa Missa foi oficiada pelo Padre Frei Graciano Studt, Guardião do Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro, tendo Frei Mateus Haers feito belíssimo sermão alusivo às tradições de tão celebre e celebrada casa franciscana. Estiveram presentes além dos dois Frades já citados, mais os monges franciscanos: Frei Faustino Wessely, Frei Felipe Alves, Frei Omar Wekrs e Frei Crisólogo de Masena.

*
* *

Foi um espectáculo comovente e cheio de saudades para os velhos angrenses. Quase tôda população católica de Angra dos Reis e arrabaldes acorreu ao VELHO CONVENTO de São Bernardino, atendendo o repicar sonoro de seus sinos seculares, tal como fazia no seu tempo de apogeu!... Tal como antes da criminosa desmontagem de 1.927!

A Banda de Música local tocou as mesmas marchas e os mesmos dobrados tradicionais, revivendo a tradição e nos transportando às épocas passadas...

Que misto de alegria e tristeza, contrição e fé naquela massa crédula e confiante de que um dia ainda o VELHO CONVENTO há de funcionar com seu edifício totalmente restaurado, com sua Igreja reconstruída, para maior glória e culto de seu Orago São Bernardino; para maior glória de Deus e para maior orgulho dos angrenses.

FONTES CONSULTADAS

FREI FABIANO DE CRISTO — *Frei João José Pedreira de Castro*

O CONVENTO DE SANTO ANTÔNIO DO RIO DE JANEIRO — *Frei Basílio Rower*

PÁGINAS DA HISTÓRIA FRANCISCANA NO BRASIL — *Frei Basílio Rower*

OS FRANCISCANOS NO SUL DO BRASIL — *Frei Basílio Rower*

SÃO BENEDITO, O SANTO PRÊTO — *Monsenhor Ascânio Brandão*

NOTÍCIA HISTÓRICA E GEOGRÁFICA DE ANGRA DOS REIS — *Honório Lima*

GUIA TURÍSTICO DE ANGRA DOS REIS — *Brasil dos Reis*

LIVRO DE NOTAS N.º 21 — *Cartório do 2.º Ofício da Comarca de Angra dos Reis*

DIETÁRIO DOS FRANCISCANOS — *Seção de manuscritos da Biblioteca Nacional*

COLEÇÃO DA "GAZETA DE ANGRA" — *Gentilmente cedida para consulta pelo Dr. Camil Capaz*

ANGRA DOS REIS — *Monografia do Conselho Nacional de Estatística (IBGE)*

ESBÔÇO HISTÓRICO DE ANGRA DOS REIS — *Edição do Departamento Estadual de Estatística*

VIAGEM NO INTERIOR DO BRASIL — *João Emanuel Pohl*

ECO SONORO — *Frei Apolinário da Conceição*

COLEÇÃO DO ALMANAQUE MERCANTIL E INDUSTRIAL DA CÔRTE E PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO — *Biblioteca Nacional*

MEMÓRIAS HISTÓRICAS DO RIO DE JANEIRO — *Mosenhor José de Souza A. Pizarro e Araújo*

ELENCO BIOGRÁFICO DOS RELIGIOSOS ANTIGOS — *Frei Diogo de Freitas*

LIVROS DO TOMBO DA PARÓQUIA DE N. S. DA CONCEIÇÃO DE ANGRA DOS REIS — *Arquivo Paroquial*

SANTUÁRIO MARIANO — *Frei Agostinho de Santa Maria*

POSTAIS ANGRENSES (Versos) — *Brasil dos Reis*

FRASÕES ANGRENSES (Versos) — *Brasil dos Reis*

OS FRANCESES NO RIO DE JANEIRO — *Augusto Tasso Fragoso*

DADOS ESPARSOS coligidos no arquivo particular do poeta e historiador Brasil dos Reis

DOCUMENTOS AVULSOS no arquivo da Venerável Irmandade de São Benedito de Angra dos Reis

IDEM, da Paróquia de N. S. da Conceição de Angra dos Reis

PRECIOSOS INFORMES VERBAIS prestados pelo Prof. Benedito Pereira Rocha, ex-Irmão Ministro da Ordem Terceira da Penitência de Angra dos Reis

UM COPIOSO ACÊRVO DE DOCUMENTOS MANUSCRITOS do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Arquivo Nacional e da Biblioteca Nacional

N. do A. — Infelizmente, apesar das muitas cartas, intercessão de historiadores e sacerdotes amigos, não conseguimos permissão para consultar o arquivo do Provincialato Franciscano, sediado em São Paulo, onde na certa colheríamos elementos para escrever um trabalho mais completo e documentado.

ÍNDICE

Carta-Prefácio 9

Primeiras Notas 13

Angra dos Reis e os Frades Franciscanos 19

O Primeiro Convento de São Bernardino 31

Frei Fabiano de Cristo em Angra dos Reis 42

O Atual Convento de São Bernardino de Angra dos Reis 50

A Igreja do Velho Convento 65

As Lendas do Convento de São Bernardino de Angra dos Reis 77

Decadência, Requisições e Ruínas do Velho Convento 83

Remontagem do Altar da Antiga Igreja. Notas Finais 101

Fontes Consultadas 113

COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS DA
GRÁFICA OLÍMPICA EDITÔRA, LTDA.
RIO DE JANEIRO - BRASIL